

CONVERGÊNCIA



- Laudatio in honorem DD. Luciano
- O que o Espírito diz à Vida Consagrada...
Uma visão do Congresso Nacional
“Novas Gerações e Vida Religiosa”
Memória, Poder e Utopia
- A Vida Religiosa e a Política
- Crise de liderança na sociedade e na Igreja
- O Cristianismo é Humanismo?
Ensaio a respeito da Parábola do Grande Inquisidor de Dostoievski



CRB

Sumário

HOMENAGEM	449
PALAVRA DO PAPA	454
INFORME CRB	457
ARTIGOS	467
Laudatio in honorem DD. Luciano	467
J. B. LIBANIO	
O que o Espírito diz à Vida Consagrada... Uma visão do Congresso Nacional "Novas Gerações e Vida Religiosa" Memória, Poder e Utopia	478
IRMÃO MARCUS ALEXANDRE MENDES DE ANDRADE, CM	
A Vida Religiosa e a Política	490
JOSÉ COMBLIN	
Crise de liderança na sociedade e na Igreja	498
VICTOR CODINA, SJ	
O Cristianismo é Humanismo? Ensaio a respeito da Parábola do Grande Inquisidor de Dostoievski	506
LUCIANO GOMES DOS SANTOS	

A ilustração da capa da Convergência de 2006, da artista Eleanor Corrêa Lanes, ICM, Itaguaí-RJ, evoca o ícone da itinerância do povo de Deus e do Deus do povo. A Vida Religiosa, itinerante e solidária, de pés ligeiros e mãos abertas, caminha na fidelidade ao Espírito, que faz novas todas as coisas.

O projeto gráfico da capa foi elaborado na Letra Capital Editora.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar

CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e

Diversões Públicas do PDF

sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura

Anual

para 2006

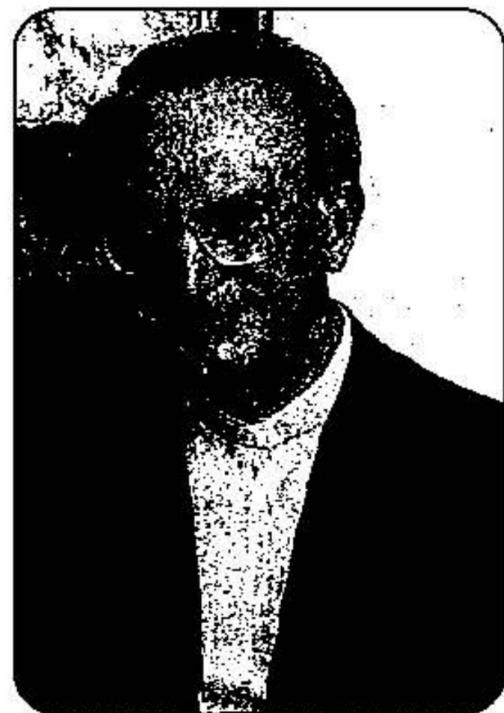
Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

O PASTOR BOM

MARIA CARMELITA DE FREITAS



“Faleceu Dom Luciano Mendes de Almeida”. A notícia transmitida pelo *“Fantástico”*, na noite do Domingo, 27 de agosto de 2006, chegou a milhões de lares brasileiros, em todo o território nacional. O Brasil se comoveu e chorou a morte do Pastor Bom, sentindo a saudade doer fundo no coração.

Dom Luciano se foi, obedecendo ao chamado de Deus: “Servo bom e fiel, entra na alegria do teu Senhor”. Dom Luciano se foi, mas fica-nos o seu exemplo de cidadão íntegro, de cristão identificado com o Evangelho, de religioso apaixonado por Jesus Cristo, de bispo devotado totalmente ao serviço de Deus e do povo, de irmão universal. Dom Luciano se foi, mas fica-nos o seu legado, a ser assumido e levado adiante por cada um de nós, enquanto vamos nos acostumando a pensar a Igreja e o mundo sem ele.

Nessa purificadora experiência de perda e de esperança, nos perguntamos, na interioridade de nossa consciência cristã e no seio de nossas comunidades de fé, pelo sentido profundo e substancial desse legado. Sobre isso, muito se tem dito e escrito nestas últimas semanas. Cada um, cada uma de nós que tivemos o *privilégio* de conhecer de perto Dom Luciano, de partilhar da sua convivência no dia a dia (e somos tantos e tantas...) trocamos entre nós idéias e sentimentos, de maneira espontânea e carinhosa. Fazemos memória de gestos e fatos que nos marcaram em alguma circunstância da vida. Narramos pequenas histórias carregadas de sabor de Deus e do humano. Evocamos o seu perfil espiritual de beleza ímpar, a estatura gigante de sua alma, contrastada sempre com a aparente fragilidade do seu físico, tentamos traduzir em palavras aquilo que entendemos ser o mais substancial do seu legado. Como numa reunião de família, onde se faz memória da pessoa amada, cada qual delineia com precisão um traço inesquecível do perfil, ressalta uma característica, acrescenta uma tonalidade e um matiz, faz um retoque aqui e acolá, projeta uma luz peculiar que faz ressaltar novos ângulos. O *retrato* é desenhado a muitas mãos e a imagem emerge límpida

Homenagem

e luminosa, na sua riqueza pluriforme e na sua inesgotável beleza.

A imprensa registrou não poucos desses testemunhos, perpassados de reverente emoção e de verdadeira estima. *“Homem do povo, do mundo, de Deus”*. *“Homem que amou e foi amado”* (Manchetes do *Jornal de Opinião* setembro de 2006). O testemunho do Jesuíta e companheiro de Dom Luciano nos anos de formação, João Batista Libanio, é eloqüente: *“Ultimamente, Dom Luciano vinha traduzindo em palavras sua postura fundamental de vida. Com os anos, os adjetivos e os advérbios se esfolham. Fica a árvore dos verbos e substantivos na solidez básica. As aparências e vaidades se desfazem para permanecer a resistência permanente da vida. Todos os títulos foram para ele adjetivos e advérbios que ele ‘esvaziou’ para guardar a solidez do substantivo – amor – e do verbo – amar”*. Colaborador seu de muitos anos na CNBB, o Pe. Virgílio Uchoa escreveu: *“A Igreja no Brasil perde alguém capaz de unir diferenças e de construir caminhos sempre novos”*.

De personalidade extraordinariamente rica e multifacética, Dom Luciano cativava de imediato pela simplicidade e respeitosa afabilidade do seu trato, pela inteligência privilegiada e arguta, pela capacidade de empatia com o interlocutor, pela força de persuasão das suas palavras humildes e sábias. Um traço da sua personalidade sempre me impressionou: profundamente espiritual e piedoso, de profunda experiência de Deus, Dom Luciano era também homem prático, homem de respostas mais que de muitas indagações, homem de soluções mais que de hipóteses, homem da solidariedade efetiva mais que de discursos grandiloqüentes. Pés no chão da realidade sofrida do povo e mirada invariavel-

mente fita no absoluto de Deus, numa permanente e benéfica tensão entre os dois pólos constitutivos da realidade humana. Isto explica porque, para ele, muitas vezes, a resposta, a solução era colocar o mendigo na própria cama, enquanto ele se acomodava no chão; ou era entregar ao mendigo a camisa que acabava de ser comprada e os sapatos sem estrear, para continuar caminhando, como peregrino do amor, com passos apressados, em direção ao outro, postado ao longo do seu caminho, à espera do seu próximo gesto de doação e de entrega. Ou, então, a resposta consistia em chegar com atraso a um Capítulo de uma congregação religiosa, a um encontro do clero ou a uma conversa com intelectuais, porque havia no seu caminho alguém – pobre, injustiçado, doente – que precisava da sua ajuda e não podia esperar. Ou ainda a resposta era enfrentar-se com poderes constituídos na Igreja ou na sociedade, quando estava em jogo a dignidade humana, a justiça e o sofrimento dos pequenos.

Mas, sejam quais forem as variantes que se dê a esse legado do Pastor Bom, uma coisa é certa: – Os pobres nele têm prioridade. Dom Luciano amou os pobres, muitas vezes identificou-se com eles, sempre defendeu os seus direitos e a sua dignidade. Ele mesmo confiou a um de seus irmãos – Cândido Mendes – esse precioso legado: *“não esqueçam os pobres!”*

Com os pequenos e os pobres, a Vida Religiosa do Brasil reza hoje ao Pastor Bom:
Dom Luciano,
irmão dos pobres,
peregrino da bondade,
evangelizador da paz,
profeta do Reino:
projeta em nossos caminhos

a ternura de Deus,
a audácia dos profetas
e a esperança dos sonhadores.

Neste número de outubro – mês do nascimento de Dom Luciano – Convergência quer prestar ao Pastor Bom a sua mais cálida homenagem. Seu amor à Vida Religiosa era incontestado. Sua vocação de jesuíta, um tesouro que ele custodiou com verdadeiro devotamento. Os serviços que prestou à Vida Consagrada, incontáveis. Como seguidores de Jesus hoje, religiosas e religiosos do Brasil teremos ouvidos para escutar as interpeleções que nos chegam através do seu legado? Olhos para discernir para onde ele nos impele? Coração para abrigá-lo e fecundá-lo? Seremos húmus fértil e dadivoso para assegurar-lhe frutos no cotidiano da vida?

O artigo de João Batista Libânio “Laudatio in honorem DD. Luciano” quer fazer chegar às comunidades uma rica e provocadora matéria de reflexão e oração. O texto foi proferido pelo Pe. Libanio na solene sessão acadêmica em que foi conferido a Dom Luciano Mendes de Almeida o título de *Doctor Honoris Causa*, pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), no dia 04 de maio de 2006. Nele o perfil humano-espiritual de D. Luciano está traçado com a maestria e a verve de um escritor nato e o carinho de irmão e companheiro de estudos na Companhia de Jesus. Cada um desses traços é um testemunho e um convite à Vida Religiosa para que se olhe no espelho do *Mestre* e progrida nas sendas do amor e da dedicação a Deus e aos pequenos. Como diz Libanio, “na vida e pessoa de D. Luciano, manifesta-se algo da ambivalência do Sagrado. Fascina pela simplicidade, pela proximidade, pela total entrega aos outros. Atemoriza pelos pín-

caros espirituais que galgou, por uma santidade irradiante, direta, sem contornos nem dobraduras. P. Julio Lancelotti, por ocasião do jubileu de prata de D. Luciano, resumiu-lhe bem esse traço místico: Dom Luciano, imagem bonita de Deus”. Que essa imagem continue a brilhar em nossas comunidades e em nossa Igreja, como tocha que não se apaga nem arrefece e cuja luz nos desafia continuamente a sermos fiéis aos grandes ideais da nossa vocação.

O texto de Alexandre Marcus de Andrade, – “O que o Espírito diz “a Vida consagrada” – é um relato vibrante e provocador do Congresso Nacional *Novas Gerações e Vida Consagrada. Memória, poder e utopia* – acontecido em São Paulo, de 15 a 18 de junho deste ano. O próprio autor confessa no início do texto: “Na tentativa de condensar aqui as principais discussões deste Congresso, assumimos uma quase impossível tarefa, pois os sentimentos falam muito mais do que as palavras. O estar lá e poder participar ativamente da fraternidade intercongregacional são experiências por demais difíceis de serem explicitadas. No entanto, empreenderemos essa façanha, no mais vivo desejo de que também outros se entusiasmem com este projeto e se disponham a esta caminhada revitalizadora da VC”. O texto está estruturado em dois grandes eixos: Luzes e perspectivas. Em cada um desses eixos, são expostos e comentados com clareza e precisão os conteúdos das palestras e mesas de trabalho. O autor chama a atenção para o sentido da expressão *novas gerações*, no contexto do Congresso, ou seja, um conceito antropológico e não meramente cronológico. Apresenta sinteticamente em quatro pontos o programa de futuro em vista da revitalização da Vida Consagrada:

- mudanças com realismo e coragem; - projeto de formação capaz de levar à experiência fundante da Vida Consagrada; - crítica às ideologias espirituais que bloqueiam a mudança de paradigma; - adequada percepção do fenômeno da diminuição do número de vocações que certamente possibilitará à Vida Consagrada maior agilidade e autenticidade no futuro. Na linha das prospectivas, o texto lembra que não se pode mais aceitar uma Vida Consagrada sem diálogo e sem participação, sem integração entre as pessoas mais jovens e as mais experientes. O autor conclui com um entusiasta apelo aos consagrados e consagradas: *“Que este Congresso Nacional Novas Gerações e Vida Consagrada seja o início de um novo tempo, a ser implantado na história pela força do Espírito do Senhor, que a todos consagra e faz conformes ao próprio Jesus, Missionário do Pai, Consagrado por excelência”*.

“A Vida Religiosa e a Política”, de José Comblin, é um texto atual e iluminador. O autor parte de uma visão crítica da doutrina social da Igreja na sua evolução histórica. Analisa lucidamente a crise atual do sistema capitalista neoliberal vigente, afirmando, entre outras coisas que *“o sistema está em crise interna porque os povos começam a resistir e despertar no Terceiro Mundo”*. Focaliza também as luzes e sombras da Doutrina Social da Igreja, revisitada na ótica do evangelho e dos critérios de Jesus. Na parte final do artigo, José Comblin apresenta os grandes desafios que essa visão da Doutrina Social da Igreja coloca para a Vida Religiosa hoje: - o lugar da Vida Religiosa na sociedade pós-moderna e neoliberal; - a relação entre os religiosos e seus os Institutos e Congregações religio-

sas; - a compreensão predominantemente canônica da Vida Religiosa e suas consequências. O autor conclui afirmando que *“no momento, a vida religiosa está buscando o seu rumo. Não o descobrirá por via teórica, por uma reflexão racional, mas a partir da prática. Esta prática a coloca no meio do mundo e ali as experiências permitirão um discernimento. Porém, lembrem-se: o mundo não se identifica com as paróquias, nem com as famílias que mandam os seus filhos para os nossos colégios”*.

Victor Codina, no seu artigo - “Crise de liderança na sociedade e na Igreja” - discorre sobre as características da liderança, a partir da pós-modernidade. O texto está estruturado em quatro grandes eixos. Em cada um deles, o autor apresenta uma visão bem articulada daquilo que, ao longo do tempo configurou a maneira de exercer a liderança, seja no mundo pré-moderno, no mundo moderno e nos tempos atuais. Destaca que no momento atual existe *“um descrédito da autoridade por sua corrupção e seu servilismo aos interesses econômicos, pouca credibilidade dos partidos políticos, uma ânsia de liberdade individual”*. A contribuição da fé cristã a esse respeito consistiria, segundo o autor, em ajudar a impedir a absolutização de qualquer liderança terrena, para que toda autoridade esteja realmente ao serviço do povo, e não seja alienante, mas libertadora. Sobre a liderança institucional na Igreja, o autor afirma que existe hoje um clamor universal na Igreja que pede reforma da Instituição e da liderança para que o Vaticano II seja levado a termo e se assumam todas as consequências. Conclui citando a Carlos Palacio quando afirma que, *“no atual movimento de re-fundação, a Vida Religiosa quer voltar a suas origens místico-proféticas das*

quais lentamente se distanciou ao longo dos anos. Isto se aplica não somente às dimensões da castidade-sexualidade, da pobreza-justiça, da comunidade e das relações com os diferentes... mas também à órbita da liderança-autoridade-governo-obediência. É preciso que algo morra para que nasça algo novo”.

O artigo de Luciano Gomes dos Santos, “O cristianismo é humanismo? Ensaio a respeito da Parábola do Grande Inquisidor de Dostoievski” – é um texto sugestivo e oportuno. Nele, o autor reflete sobre a instigante questão do cristianismo como humanismo, baseando-se na obra de Dostoievski, “Os Irmãos Karamazovi, mais precisamente na Segunda parte do Livro V, que se ocupa da Parábola do Grande Inquisidor. Para o autor, “esse texto é profundamente antropológico e é capaz de inspirar dois paradigmas antropológicos, ou seja, um humanista e outro anti-humanista. Por-

tanto, faz-se necessário, uma visão geral do escritor e da parábola, para que se possa adentrar-se na hermenêutica filosófica do texto em questão e discorrer sobre a questão em pauta”. O perfil do grande escritor russo é traçado no artigo em breves e precisas pinceladas, projetando luz sobre seu tumultuado itinerário pessoal e sobre a sua rica e questionadora produção literária. O texto tece interessantes comentários ao argumento da visão do homem conforme o pensamento do Grande Inquisidor e conforme o pensamento de Cristo, levando a uma rica e fecunda reflexão sobre o argumento principal, a questão do cristianismo como humanismo. Segundo o autor, “a antropologia Dostoievskiana não define o homem, mas o compreende como mistério que deve ser desvendado fundamentando-se em sua liberdade, na consciência autônoma, no desejo e no ato de poder escolher o próprio caminho.”



Palavra do Papa

Mensagem do Papa Bento XVI para o LXXX Dia Missionário Mundial

Domingo 22 de outubro de 2006

“A caridade, alma da missão”

Amados irmãos e irmãs

1. O Dia Missionário Mundial, que celebraremos no domingo, dia 22 do próximo mês de outubro, oferece a oportunidade para refletir este ano sobre o tema: “*A caridade, alma da missão*”. Se não for orientada pela caridade, isto é, se não brotar de um profundo ato de amor divino, a missão corre o risco de se reduzir a uma mera atividade filantrópica e social. Com efeito, o amor que Deus nutre por cada pessoa constitui o coração da experiência e do anúncio do Evangelho e, por sua vez, quantos o acolhem tornam-se suas testemunhas. O amor de Deus, que dá vida ao mundo, é o amor que nos foi concedido em Jesus, Palavra de salvação, ícone perfeito da misericórdia do Pai celeste. Então, a mensagem salvífica poderia ser oportunamente resumida com as palavras do Evangelista João: “E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho unigênito para que, por Ele, tivéssemos a vida” (1Jo 4,9). O mandamen-

to de difundir o anúncio deste amor foi confiado por Jesus aos Apóstolos depois da sua ressurreição, e os Apóstolos, interiormente transformados no dia do Pentecostes pelo poder do Espírito Santo, começaram a dar testemunho do Senhor morto e ressuscitado. A partir de então, a Igreja continua esta mesma missão, que constitui para todos os fiéis um compromisso irrenunciável e permanente.

2. Por conseguinte, cada comunidade cristã é chamada a fazer conhecer Deus, que é Amor. Foi sobre este mistério da nossa fé que desejei deter-me para refletir na Encíclica “*Deus caritas est*”. Com o seu amor, Deus permeia toda a criação e a história humana. Nas origens, o homem saiu das mãos do Criador como fruto de uma iniciativa de amor. Depois, o pecado ofuscou nele a marca divina. Enganados pelo maligno, os progenitores Adão e Eva faltaram ao relacionamento de confiança com o seu Senhor, cedendo à tentação do maligno, que neles infundiu a suspeita de que

Ele era um rival e queria limitar a sua liberdade. Assim, ao amor divino gratuito eles preferiram-se a si mesmos, persuadidos de que desde modo confirmavam o seu livre arbítrio. Conseqüentemente, terminaram por perder a felicidade original e experimentaram a amargura da tristeza do pecado e da morte. Mas Deus não os abandonou e prometeu-lhes, bem como aos seus descendentes, a salvação, preanunciando o envio do seu Filho unigênito, Jesus, que teria revelado na plenitude dos tempos o seu amor de Pai, um amor capaz de resgatar toda a criatura humana da escravidão do mal e da morte. Por conseguinte, em Cristo foi-nos comunicada a vida imortal, a própria vida da Trindade. Graças a Cristo, Bom Pastor que não abandona a ovelha perdida, aos homens de todos os tempos é conferida a possibilidade de entrar em comunhão com Deus, Pai misericordioso, pronto a acolher novamente em casa o filho pródigo. Um sinal surpreendente deste amor é a Cruz. Na morte de Cristo na cruz escrevi na Encíclica *Deus caritas est* "cumpre-se aquele virar-se de Deus contra si próprio, com o qual Ele se entrega para levantar o homem e para o salvar o amor na sua forma mais radical [...] É lá que esta verdade pode ser contemplada. E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e do seu amar" (n. 12).

3. Na vigília da sua Paixão, Jesus deixou como testamento aos discípulos, reunidos no Cenáculo para celebrar a Páscoa, o "novo mandamento do amor *mandatum novum*": "É isto que vos mando: que vos ameis uns aos outros" (*Jo 15,17*). O amor fraterno que o Senhor pede aos seus "ami-

gos" tem a sua fonte no amor paterno de Deus. O Apóstolo João observa: "Quem amou nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus" (*1Jo 4,7*). Portanto, para amar segundo Deus é necessário viver nele e dele: Deus é a primeira "casa" do homem, e somente quem nele habita arde com o fogo da caridade divina, capaz de "incendiar" o mundo. Não é talvez esta a missão da Igreja de todos os tempos? Então, não é difícil compreender que a autêntica solicitude missionária, compromisso primordial da Comunidade eclesial, está vinculada à fidelidade ao amor divino, e isto vale para cada um dos cristãos, para cada comunidade local, para as Igrejas particulares e para todo o Povo de Deus. Precisamente da consciência desta missão conjunta haure vigor a generosa disponibilidade dos discípulos de Cristo, para realizar obras de promoção humana e espiritual que dão testemunho, como escrevia o amado João Paulo II na Encíclica *Redemptoris missio*, "da alma de toda a atividade missionária: o amor, que é e permanece o verdadeiro motor da missão, constituindo também "o único critério pelo qual tudo deve ser feito ou deixado de fazer, mudado ou mantido. É o princípio que deve dirigir cada ação, e o fim para o qual deve tender. Agindo na perspectiva da caridade ou inspirado pela caridade, nada é impróprio e tudo é bom" (n. 60). Deste modo, ser missionário quer dizer amar a Deus com todo o próprio ser a ponto de entregar, se for necessário, a vida por Ele. Quantos sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, também nesta nossa época, deram o supremo testemunho do seu amor com o martírio! Ser missionário significa debruçar-se, como o bom Samaritano, sobre as adversidades de todos, de for-

ma especial dos mais pobres e necessitados, porque quem ama com o Coração de Cristo não busca o seu próprio interesse, mas unicamente a glória do Pai e o bem do próximo. Aqui está o segredo da fecundidade apostólica da ação missionária, que ultrapassa as fronteiras e as culturas, alcança os povos e se espalha até aos extremos confins do mundo.

4. Estimados irmãos e irmãs, que o Dia Missionário Mundial constitua uma ocasião útil para compreender cada vez melhor que o testemunho do amor, alma da missão, diz respeito a todos. Com efeito, servir o Evangelho não deve considerar-se uma aventura solitária, mas um compromisso compartilhado por todas as comunidades. Ao lado daqueles que se encontram na linha de vanguarda nas fronteiras da evangelização e aqui penso com reconhecimento nos missionários e nas missionárias muitos outros, crianças, jovens e adultos, com a sua oração e a sua cooperação, contribuem de várias maneiras para a pro-

pagação do Reino de Deus na terra. Formulo bons votos a fim de que esta partilha aumente cada vez mais, graças à contribuição de todos. Aproveito de bom grado esta circunstância para manifestar o meu agradecimento à Congregação para a Evangelização dos Povos e às Pontifícias Obras Missionárias (P.O.M.) que, com dedicação, coordenam os esforços envidados em todas as regiões do mundo, em favor da ação de quantos se encontram na primeira linha nas fronteiras missionárias. A Virgem Maria, que com a sua presença aos pés da Cruz e a sua oração no Cenáculo, colaborou ativamente nos primórdios da missão eclesial, sustente a sua ação e ajude os crentes em Cristo a serem cada vez mais capazes do amor verdadeiro, para que num mundo espiritualmente sequioso se tomem nascente de água viva. Formulo de coração estes votos, enquanto concedo a todos a minha Bênção.

Vaticano, 29 de abril de 2006.

Papa Bento XVI

“ Nas origens, o homem saiu das mãos do Criador como fruto de uma iniciativa de amor. Depois, o pecado ofuscou nele a marca divina. ”



1. Nossa homenagem a um Bispo de muitas causas

Foi com profunda tristeza que o Conselho Indigenista Missionário recebeu, na manhã desta segunda-feira, a notícia do falecimento de Dom Luciano Mendes de Almeida, aos 75 anos, de falência múltipla dos órgãos, após mais de duas semanas de internação.

Nascido no Rio de Janeiro, ordenado em Roma, Dom Luciano teve intensa atuação com moradores em situação de rua e na Pastoral do Menor, da qual foi fundador. Lembramos com carinho especial de quando foi bispo auxiliar da diocese de São Paulo.

Dom Luciano tinha as portas abertas de sua residência aos moradores de rua da Zona Leste da cidade, tanto que saía para conversar com eles madrugada adentro, caminhando na praça, escutando suas dores e esperanças, como um verdadeiro e fiel amigo. Esses homens e mulheres, que sofriam da exclusão extrema, sabiam que podiam contar com ele a qualquer hora do dia ou da noite.

Cidadão do mundo, D. Luciano sofreu muito com o assassinato de D. Oscar Arnulfo Romero, Arcebispo de San Salva-

dor, El Salvador, pelo esquadrão da morte daquele país. Presente em seus funerais, em março de 1980, D. Luciano foi testemunha do massacre que esse mesmo esquadrão fez, matando pessoas do povo, incluindo mulheres e idosos, que ali estavam. Essa terrível experiência o marcaria por toda a vida, fazendo dele um aliado incondicional das lutas pelos direitos humanos na América Latina.

Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) entre 1987 e 1994, Dom Luciano teve atuação decisiva em todo o processo da Constituinte, particularmente na defesa dos direitos dos povos indígenas. Também atuou na defesa do Cimi das acusações do jornal O Estado de S. Paulo. Em 1987, para influenciar contra os direitos indígenas na Constituinte, o jornal publicou "reportagens", eivadas de calúnias e mentiras, sobre a suposta atuação de missões religiosas como fachada de interesses de mineradoras estrangeiras. Após seis dias de matérias que acusavam diretamente o Cimi, e através da atuação da CNBB, o

jornal foi obrigado pela Justiça a publicar o direito de resposta da entidade.

Durante homenagem que recebeu na Câmara dos Deputados, em 2005, com uma fala tranqüila e pausada, Dom Luciano afirmou que encontrou nas causas populares o sentido para aquela solenidade. “Estava pensando no sentido do que estamos aqui fazendo. E eu vi. São as causas que importam: terra, trabalho, as populações indígenas, os quilombolas”, disse o bispo. “Neste momento, sou alguém que ajuda para que estas causas estejam presentes nesta casa”.

D. Luciano Mendes de Almeida ajudou, sim. Mas, muito além disso, ajudou para que todas as causas populares estivessem presentes na história do Brasil, com o merecido reconhecimento e dignidade. Se o tempo em que vivemos possui sinais alentadores, de conquistas e esperanças, muito devemos a ele, com seu infinito amor e paciência de escutar as dores e esperanças do povo madrugada adentro – e de ser seu mais fiel amigo.

Cimi – Conselho Indigenista Missionário

“Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) entre 1987 e 1994, Dom Luciano teve atuação decisiva em todo o processo da Constituinte, particularmente na defesa dos direitos dos povos indígenas.”

2. Homenagem da Via Campesina a Dom Luciano Mendes de Almeida

Tributo a Dom Luciano!

"A Morte não é verdade, quando se cumpre bem a obra da vida".

Hoje, dia 28 de agosto de 2006, na capital mineira, o sol não quis se expor pela manhã sob as montanhas de Minas, dando lugar à uma garoa fina, alimentadora de vida e de esperança, para regar as terras secas após o grande período da estiagem. Acreditamos, que a chuva, veio como forma de lembrarmos do grande semeador de esperança, de fraternidade, de justiça e de amor.

Sem dúvida nenhuma de nós, homens e mulheres, dos movimentos sociais de Minas Gerais, em especial a Via Campesina, sentimos pela partida do nosso convívio do semeador Dom Luciano Mendes de Almeida.

Dom Luciano Mendes, Arcebispo de Mariana, filósofo, homem comprometido com os mais necessitados, com a justiça e a dignidade humana, pastor profético da Teologia da Libertação que encarnou a opção pelos pobres.

Mais recentemente, nos últimos oito meses discutimos constantemente a caminhada e o processo de fortalecimento dos movimentos sociais em MG. Discutimos também o projeto soberano e popular para o Brasil, através das nossas bandeiras de lutas pela isenção e redução da tarifa de energia elétrica e pela reestatização da companhia Vale do Rio Doce.

Na primeira semana de abril, em Belo

Horizonte, com mais de 3.000 pessoas do campo e da cidade, promovemos um grande ato de cidadania ao lançarmos a campanha pela redução da tarifa de energia elétrica, desencadeando a partir daí, uma série de reuniões com os representantes da CEMIG, estimulando também, os parlamentares a apresentarem projetos pela isenção da tarifa. Tudo isso que possibilitou um grande curso de formação de lideranças sobre os temas no mês de junho.

Dom Luciano esteve sempre presente, ao lado, junto dos movimentos sociais nas mobilizações. Em abril deste mesmo ano, por exemplo, se colocou à frente da tropa de choque do governo do Estado que impedia a caminhada pacífica dos movimentos sociais em Belo Horizonte. Também quando, em um gesto de justiça e solidariedade, foi à delegacia visitar os trabalhadores que foram presos e espancados covardemente pela polícia do Estado, segundo o depoimento dos trabalhadores.

Defendia como legítima a organização e mobilização dos trabalhadores. Na ocasião ao receber o título de cidadão honoris causa, do Estado de Minas Gerais na Assembleia Legislativa disse: "Tenho acompanhado a luta incansável dos movimentos sociais em Minas Gerais, estes são, movimentos ordeiros, legítimos e necessários para a

sociedade. Minas Gerais tem as condições concretas de ser a pioneira na realização da tão sonhada Reforma Agrária. Nós deveríamos começar para que outros Estados nos seguissem como exemplo”.

Em outra oportunidade, semanas antes de ser internado em São Paulo, em uma reunião que aconteceu no dia 29 de junho, com representantes da Via Campesina, nos disse, (depois de ter apresentado uma caixa com mais de 400 contas de luz para serem pagas das famílias pobres de Mariana): “Vejam, meus irmãos, a triste realidade social que vive nosso povo, recebemos por dia, aqui na paróquia, em média 15 famílias em desalento por não conseguirem pagar a alta tarifa de energia, tendo que escolher entre pagar a conta ou comprar o alimento da família...”.

Dom Luciano demonstrou profundo pesar pelo massacre das famílias sem terra, ocorrido em Felisburgo, em 20 de novembro de 2004, e, profunda indignação pela morosidade com que os órgãos públicos e responsáveis vêm tratando o caso das famílias. Dispôs-se a organizar

uma comissão dos Bispos para visitar o acampamento e pressionar o Governo do Estado, Federal, INCRA e o Judiciário, para que não deixassem mais este crime passar impune.

Dom Luciano falou com orgulho sobre a importância da organização do Movimento dos Atingidos por Barragens, MST, CPT, MPA, dentre outros.

Dom Luciano nos deixou fisicamente, mas o seu amor, suas idéias, convicções e o seu legado continuam vivos nos nossos corações e mentes.

Dom Luciano, repouse e viva plenamente, porque nós, homens, mulheres, crianças e especialmente jovens das organizações que compõem a Via Campesina continuaremos seus ensinamentos, seu testemunho e seu exemplo. Companheiro Dom Luciano, você, não morre nunca..., sua força e eterna juventude nos guiarão na luta, rumo a uma sociedade mais justa fraterna e igualitária.

José Marti

Via Campesina - MG

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2006.

“Dom Luciano esteve sempre presente, ao lado, junto dos movimentos sociais nas mobilizações.”

3. VII Assembléia dos Organismos do Povo de Deus

Nos dias 08 a 10/9/2006 foi realizada a VII Assembléia dos Organismos do Povo de Deus, no Centro Pastoral Santa Fé, em São Paulo. A Assembléia contou com a presença de Dom Antônio Celso de Queirós, Bispo de Catanduva-SP, Vice-Presidente da CNBB e de D. Odilo Pedro Scherer, Secretário-Geral da CNBB e de aproximadamente cento e cinquenta participantes, representantes dos diversos organismos: CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil); CNIS (Conferência Nacional dos Institutos Seculares); CNLB (Conselho Nacional do Laicato do Brasil); CNP (Comissão Nacional dos Presbíteros); CND (Comissão Nacional de Diáconos).

Na sessão de abertura foi acolhida a proposta de preparar uma moção de apoio a D. Antônio Possamai, Bispo de Ji-Paraná-RO, a Dom Erwin Kräutler, Bispo Prelado de Xingu-AM e outras pessoas de Igreja, que sofrem ameaças por suas declarações ou atuações em favor da justiça.

No primeiro dia, 08/09, foi proferida uma palestra, pelo Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos, da Igreja Presbiteriana Independente, sobre o tema. *"Pentecostalismo e seus Desafios para a Prática Pastoral."* Depois de apresentar uma visão histórica das origens e do desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil, enfocou as crenças e práticas desses grupos, sobretudo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), seus sincretismos e hibridismos, bem como os desafios que o avanço do Pentecostalismo coloca para

o universo religioso do Brasil. A segunda palestra foi sobre o tema *"Mobilidade Religiosa no Brasil"*, a cargo da Professora e pesquisadora Sílvia Fernandes, do CERIS, Rio de Janeiro. Baseando-se em dados de pesquisas desenvolvidas pelo CERIS, a professora repassou informações não apenas sobre a mobilidade, mas também sobre as rotas do trânsito religioso e sua intensidade, em 22 capitais do Brasil, acenando para algumas implicações das migrações entre religiões para o planejamento pastoral. A terceira exposição da manhã ficou a cargo de César Romero Jacob e Dora Rodrigues Hees sobre *Mapeamento Religioso*, baseando-se no seu livro *"Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras"* (2006), valendo-se de dados do Censo demográfico de 2000. Concluiu que os pentecostais cresceram sobretudo nos cinturões de miséria que se estabeleceram nas periferias das grandes cidades nos últimos 25 anos e que não são os pobres em geral que transitam, mas os pobres segregados das periferias metropolitanas.

No dia 09/09, Dom Odilo Pedro Scherer, Secretário Geral da CNBB, fez uma *"Leitura pastoral da proposta da V Conferência"*. Após o intervalo, foi apresentada a segunda palestra do dia, a cargo de Pe. Oscar Beozzo, que fez uma *"Leitura Teológica da Conferência de Aparecida"*. Pe. Beozzo fez o resgate histórico das Conferências precedentes, destacando temas de fundo que, a seu ver, deveriam receber

um destaque especial. Entre esses temas, apontou o meio ambiente, a questão da pobreza e das migrações e as diversas formas de discriminação, dentro e fora da Igreja. Pediu, também, mais representação dos leigos, leigas, religiosos e religiosas e um cuidado especial para o tema do ecumenismo.

Além dos trabalhos em grupo, os organismos tiveram oportunidade de se reunirem separadamente, para uma leitura dos

assuntos tratados a partir da própria identidade e missão.

Participaram 16 religiosas/os dos diversos Regionais da CRB, da Região Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste.

No final da Assembléia foi aprovada esta mensagem ao povo de Deus.

Ir. Mariluce Dorilêo, FMA

Assessora Executiva Nacional

Mensagem ao povo de DEUS

Irmãos e irmãs,

Nós, participantes dos Organismos do Povo de Deus, reunidos em nossa VII Assembléia Nacional, expressamos nossa alegria pela oportunidade de ter rezado, refletido e partilhado nossas esperanças diante dos desafios que se apresentam à missão evangelizadora da Igreja no Brasil.

Na sessão de abertura, recordamos o perfil da nossa Assembléia: manifestar a comunhão entre os irmãos e irmãs, numa Igreja Povo de Deus, na sua diversidade e pluralismo. Aprofundamos os temas da filiação e mobilidade religiosa, no Brasil, especialmente o fenômeno dos pentecostalismos e suas implicações para a prática pastoral, na caminhada ecumênica e do diálogo inter-religioso. Fizemos ainda uma leitura teológica e pastoral do processo de preparação da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho.

Em clima de estudo, diálogo e oração, reafirmamos nossa certeza e convicção na força libertadora e dinamizadora da Palavra de Deus, que nos renova e fortalece no

seguimento de Jesus e nos convoca a uma vida nova. A Igreja, discípula de Jesus, sente-se desafiada pelas urgências e clamores que ecoam do seu interior e da sociedade brasileira, neste momento decisivo do processo eleitoral, que exige uma resposta consciente e cidadã.

Inspirados no vigoroso testemunho de Dom Luciano Mendes de Almeida, que há poucos dias viveu a sua páscoa, fazendo memória de sua opção preferencial pelos pobres e serviço à unidade da Igreja, confirmamos nossa fé e nos comprometemos a:

- fortalecer a Igreja Povo de Deus;
- repensar as estruturas formativas, em vista de uma Igreja toda ministerial, a serviço dos pobres e excluídos;
- reavivar o ardor missionário, conforme a proposta de Jesus vivida pelas primeiras comunidades cristãs;
- assumir o compromisso evangelizador, profético e dinâmico, indo às periferias, resgatando a mística das Comunidades Eclesiais de Base;

- intensificar o acolhimento e a valorização das pessoas;
- promover maior participação do laicato na Igreja, considerando o número significativo de leigos e leigas que são protagonistas da ação evangelizadora;
- promover a evangelização da juventude, atendendo aos seus anseios, necessidades e direitos;
- participar efetivamente na construção de uma sociedade justa e solidária;
- integrar e participar de iniciativas como:

Grito dos Excluídos, Semana Social Brasileira, Mutirão por um Novo Brasil, Mutirão para Superação da Miséria e da Fome e defesa do meio ambiente.

Como discípulos e missionários de Jesus Cristo, somos impelidos a estar ao lado das vítimas das várias formas de exclusão, com o amor que foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo (Rm 5,5). Que Maria, a mãe do Senhor, "Estrela da Evangelização", nos ensine a ir às pessoas onde elas se encontram, suscitando a esperança pelo anúncio de Jesus Cristo.

“A Igreja, discípula de Jesus, sente-se desafiada pelas urgências e clamores que ecoam do seu interior e da sociedade brasileira, neste momento decisivo do processo eleitoral, que exige uma resposta consciente e cidadã.”

4. Vida Consagrada Inserida e Solidária

O Programa "VR- inserção nos meios populares e Novos Espaços de Presença Solidária, realizou nos dias 12 e 13 de agosto/06 um Encontro com representantes das cinco Regiões do Brasil, para partilhar a caminhada da inserção, e para apresentar o resultado do questionário enviado aos Institutos femininos e masculinos.

Esse Programa para tornar concreto seu objetivo exige:

- Convocar a Vida Religiosa Consagrada.
- Resgatar a inserção nos meios populares de forma criativa e em novos espaços de presença solidária, numa renovada opção pelo povo empobrecido e excluído nos diferentes contextos sociais, sendo fiel ao seguimento de Jesus Cristo e aos carismas fundacionais.

Na partilha, por Regiões, pudemos perceber muita vida, um intenso dinamismo e profecia. Dois aspectos foram comuns no relato das Regiões e devem ser retomados: a articulação das iniciativas e experiências de inserção e a visibilização da VRC no seu conjunto.

Sobre o resultado da pesquisa, 301 questionários retornaram o que representa, em número, mais da metade da Vida Consagrada no Brasil. Foram sugeridas algumas questões para a construção coletiva de uma análise dos dados apresentados.

Elencamos as mais significativas:

- A principal constatação foi sobre a idade: a maioria das religiosas e dos

religiosos que permanecem na inserção se encontram na faixa etária acima dos 60 anos. É um dado positivo, revela vitalidade, teimosia na opção pelos pobres e mostra que, para quem assume pra valer uma causa, a idade não importa. Por outro lado fica a interrogação: onde está sendo investida a energia e a criatividade das consagradas e dos consagrados jovens.

- Concentração de sedes provinciais no Estado do Rio Grande do Sul e em São Paulo. Isto revela que há uma distribuição desigual das religiosas e dos religiosos. Não obstante é notável a grande sensibilidade e missionariedade destas Regiões com as demais e também Além Fronteiras.
- Com a diminuição de membros nos Institutos, a VR está sendo convidada a repensar seu modo de atuar, de estar na sociedade, não tanto na execução de muitas tarefas, mas em espaços de caráter mais articulador. O processo de recriação da Inserção pode ajudar na revisão das instituições.
- O questionário mostra também que é reduzido o número de comunidades de formação em meios populares.
- Constata-se uma presença numericamente tímida, embora significativa em movimentos indígenas, afro-descendentes e em movimentos de mulheres.
- A VRC está mais presente em pastorais sociais e menos em organismos da sociedade civil e movimentos. Há

uma dificuldade para ultrapassar a esfera eclesial das paróquias e dioceses.

- Outros espaços de solidariedade: comunidades intercongregacionais; situações de vulnerabilidade social; o engajamento em Comissões de Justiça e Paz; missão "Ad Gentes".
- Constatou-se também a necessidade de adequar-se aos novos tempos, a nova linguagem e discernimento, para que haja um desencadeamento de ações transformadoras, motivadas por uma consciência cidadã.
- Nos últimos quinze anos foram extintas um grande número de comunidades por razões diversas: recursos humanos reduzidos e fragilizados; fatores ligados a sustentação; conflitos de relações; motivos internos, pessoais e/ou institucionais e dificuldades em tecer parcerias; mentalidade voltada para a execução de tarefas; perda da força e vitalidade por causa da continuidade com pouca convicção de alguns membros que integram a comunidade; consciência do valor da provisoriedade e da itinerância.

A VRC se movimenta entre dois pólos: de um lado está um grupo que já deu passos em direção aos apelos da realidade, numa linha mais profética, descentralizada da estrutura eclesial; de outro lado há uma enorme dificuldade de autonomia em relação à instituição eclesial. A VRC não está parada. Há muito dinamismo, criatividade, iniciativas. Os resultados reforçam a auto-estima, ajudam

a recuperar o elã missionário. O Espírito continua impulsionando a força renovadora dos carismas. Foi constatado um número também significativo de abertura de novas comunidades para atender aos contínuos apelos da realidade, em fidelidade ao carisma e aos novos tempos e missionariedade. Hoje elas acontecem num processo de discernimento mais colegiado e participativo.

Encaminhamentos para continuidade do Programa:

- Oferecer, por parte da CRB Nacional, através da ERT, subsídios de apoio para reflexão sobre nova eclesiologia e VRI, nos quais os temas sejam transversais, como políticas públicas e economia solidária.
- Repassar o resultado da pesquisa às novas Diretorias.
- Enviar o resultado da pesquisa aos Institutos.
- Fazer uma leitura analítica utilizando várias chaves interpretativas.
- Formar pequenos grupos de reflexão nas Regionais.
- Devolver as respostas às Provinciais e aos Provinciais, com uma chave de leitura.
- Comunicar os encaminhamentos na Reunião Ampliada e nas Assembléias Regionais.
- Incluir no subsídio preparatório da XXI AGO, uma abordagem sobre a inserção.
- Elaboração de subsídios de forma multidisciplinar: Visão sociológica do

nosso engajamento dentro de uma perspectiva de cidadania e de transformação; Visão Mística-Bíblico/Teológica, tendo como base o "Resto de Israel" e a "Encarnação". Visão Eclesiológica, comunhão, participação e profecia.

Ao concluir este Informe queremos dizer que, a VC vive um momento histórico de transição e de busca de novos horizontes. A contribuição de cada Instituto Reli-

gioso ajudou a visibilizar a realidade da presença e a atuação da VRC. Conhecer a situação e as iniciativas solidárias assumidas pelas consagradas e consagrados dos Institutos constituem parte do processo de refundação.

Ir. Bernadete Gaspar, CIIC
Assessora Executiva Nacional
Referencial do Programa

“Na partilha, por Regiões, pudemos perceber muita vida, um intenso dinamismo e profecia. Dois aspectos foram comuns no relato das Regiões e devem ser retomados: a articulação das iniciativas e experiências de inserção e a visibilização da VRC no seu conjunto.”

Laudatio in honorem DD. Luciano*

J. B. LIBANIO

Proferir a *Laudatio* a D. Luciano por ocasião da conferição do título de *Doctor honoris causa* pela Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus de Belo Horizonte transportou-me à cena do Sinai. Moisés ouve de Javé a ordem peremptória: "Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos pés, pois o lugar onde estás é chão sagrado" (Ex 3, 5). Senti-me transido da experiência religiosa, como a definiu R. Otto: *tremendum et fascinatum*. Na vida e pessoa de D. Luciano, manifesta-se algo dessa ambivalência do Sagrado. Fascina pela simplicidade, pela proximidade, pela total entrega aos outros. Atemoriza pelos píncaros espirituais que galgou, por uma santidade irradiante, direta, sem contornos nem dobraduras. P. Julio Lancelotti, por ocasião do jubileu de prata de D. Luciano, re-

sumiu-lhe bem esse traço místico: "Dom Luciano, imagem bonita de Deus"¹.

Soma-se a tal experiência certo sentimento canhestro de quem comparece à simplicidade de um convívio de pobres trajado com vestes principescas. Nada tão distante de D. Luciano do que os títulos, as honrarias de qualquer natureza que seja. Homem colado ao mundo dos pobres e do sofrimento humano não consegue vestir de glórias, mesmo que merecidas. Daí o paradoxo do título.

I. Paradoxo do Título

Doctor honoris causa. Duas palavras que soam alheias a alguém que nunca se julgou doutor nem muito menos tocado pela honra. Título do mundo acadêmico que muitas vezes se cobre de vaidades e gloriolas. Pedro

* Texto da *Laudatio* proferida por ocasião da sessão solene em que foi conferido a D. Luciano Mendes de Almeida o título de *Doctor Honoris Causa*, pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), no dia 04 de Maio de 2006, e publicado na Revista *Perspectiva Teológica* n.º. 105, maio-agosto de 2006, p.165-179.

¹ Estado de Minas, 06/05/2001, p. 21.

A. Ribeiro de Oliveira, em certa conferência, observava como um pedreiro não precisa de título. Sua competência mostra-se na parede que não cai, na casa que se ergue. Lembra a poesia de Vinicius de Moraes: O operário em construção.

Onde as provas nem sempre são perceptíveis, onde a aparência se impõe, criam-se os títulos: bacharel, mestre, doutor e agora entrou a nova febre de pós-doutorado. E a tal família pertencem os títulos honoríficos. D. Luciano já obteve o doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana, mas nunca se prevaleceu de tal grau. Não carece de títulos. Não cabe na solenidade, que ora celebramos, o clima de mundanidade e vaidade. Em uma homilia, D. Luciano confienciava-nos que diante do seu irmão João, morto aos 36 anos, varreram-se-lhe do coração as vaidades. O realismo dessa morte prematura deu-lhe a dimensão do valor da existência.

Aqui tudo são desejos de exprimir-lhe carinho, gratidão e alegria por parte dos membros desse Centro de Estudos. Certamente lhe soa aos ouvidos o canto do salmista: "Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade"

Todo o arrazoado levou-me a sugerir, não na grafia do diploma, mas no significado, mudar-lhe o título. Cabe-lhe melhor o de *Magister amoris causa*. Mestre por causa do amor e do serviço.

Assim D. Luciano se sentirá mais próximo de Jesus que, na narração evangélica, inúmeras vezes, entrou em choque com os doutores da lei. Os discípulos não o chamaram de doutor, mas de Mestre, de Rabi.

A etimologia de mestre – *magis + tenere* – encerra dentro de si o termo "magis" – de

forte ressonância para o inconsciente jesuíta. Articula-se com ele, não a idéia de poder, de glória, de aparência exterior, mas de "exousia" – autoridade. Aquele que faz ou ajuda o outro crescer. Assim é o mestre. O sentido de sua vida é o serviço. "Não vim para ser servido, mas para servir" (Mt 20, 28). Jesus simbolizou tal serviço no lava-pés (Jo 13, 4-11). Tão significativo foi tal gesto que João o pôs no lugar da instituição da Eucaristia.

A didática ensina-nos que se pode começar ou pelo ponto mais importante e ir lentamente descendo até o menos ou vice-versa. No caso de D. Luciano, subirei do magistério das idéias percorrendo por várias formas até o mais sublime de todos: o magistério dos pobres.

II. Mestre de Reflexões Lúcidas

Nos idos do curso de Filosofia, o estudante jesuíta Luciano defendeu publicamente diante dos professores, alunos e convidados de honra, inclusive o Cardeal Arcebispo do Rio, D. Jaime Barros Câmara, proposições tiradas das famosas 100 teses do Exame "*de universa philosophia*". No final, o cardeal disse que não sabia se louvava mais o brilhantismo intelectual do aluno ou a sua simplicidade modesta. Tornou-se evidente o seu extraordinário talento especulativo. Ali estava em potencial o futuro professor de filosofia.

E de fato veio a destinação. Teologia em Roma, doutorado na Universidade Gregoriana. Já na tese, o inconsciente da caridade traiu o principiante nas lides acadêmicas. Se não, vejamos. O título soa: "A imperfeição intelectual do Espírito Humano. Introdução à teoria tomista do conhecimento do outro" [São Paulo, Faculdade de Filosofia Na. Sra. Medianeira, 1977].

Pinçando alguns elementos da tese, já percebemos traços fundamentais não só do pensamento, mas da própria pessoa de D. Luciano. Por mais lógico e cuidadoso que tenha sido o trabalho, vasculhando as fontes tomistas com rigor metodológico, atravessa-a uma intuição existencial. Conjuga dois traços fundamentais do sentido profundo da imperfeição humana, da inacessibilidade total do objeto de conhecimento, especialmente do outro humano e o desejo de penetrar a teoria tomista do conhecimento do outro para estabelecer pontes com ele.

Está aí D. Luciano: alguém consciente da fraqueza, da miséria, do sofrimento, dos limites do ser humano e de nossa pequenez em socorrê-lo. No entanto, isso não lhe pára a busca insaciável de aproximar-se o máximo possível de quem está diante para servi-lo e ajudá-lo.

Estuda em Santo Tomás a interdependência entre os sentidos e o intelecto humano, a forma ínfima do espírito ínfimo. A inteligência humana depende dos sentidos, do objeto material, do fantasma. Tudo começa com a observação dos dados da experiência. O objeto próprio do intelecto humano é o inteligível apreendido na apresentação sensível. Tem-se do singular material, de todo outro, um conhecimento indireto. Esta é a situação do espírito ínfimo.

Da teoria tomista do conhecimento – *nihil in intellectu, nisi prius in sensibus* – evolui para “completar a teoria do conhecimento do outro pela tematização de uma teoria de comunicação por sinais sensí-

veis”². Descreve o ciclo de intelecção da invenção à emergência e da emergência refaz o percurso anterior na linha explicativa. Assim tematiza o duplo (triplo) movimento metodológico do conhecimento de Santo Tomás.

O processo de invenção e de descoberta parte do fato, dos dados de experiência externa e interna ou mesmo de verdade de fé e ascende através das implicações até o estabelecimento das condições de possibilidade, as virtualidades exigidas por este fato, como condição de sua realização.

Num segundo ato, se faz o processo da inteligência propriamente dito em direção oposta ao anterior que supõe terminado. Nasce com a emergência de um centro explicativo que coroa o processo precedente. Sob a luz deste centro explicativo, em dependência do qual todos os elementos se ordenam inteligentemente, a mente refaz o caminho percorrido integrando implicações e fatos em uma só síntese intelectual³. Entende-se unificando, ao buscar um centro explicativo, de inteligibilidade. A partir desse centro, refaz o percurso anterior até os dados de onde se originara o processo.

A reflexão parece abstrata e especulativa. Sem embargo, reflete também o percurso existencial de D. Luciano. Levou-o a evitar dois extremos de deter o conhecimento do outro humano no mero objeto sensível, de observação externa e de levantar a ilusão de um conhecimento imediato do outro, de uma intercomunicação intuitiva entre o tu e o eu.

“O homem não é, com efeito, para seu

² L. P. Mendes de Almeida, *A imperfeição intelectual do Espírito Humano. Introdução à teoria tomista do conhecimento do outro*, São Paulo, Faculdade de Filosofia Na. Sra. Medianeira, 1977, p.14.

³ L. P. Mendes de Almeida, *op. cit.*, p. 8s.

semelhante um mero objeto de observação externa. Os espíritos incarnados comunicam entre si abrindo livremente uns aos outros a riqueza do próprio interior"⁴. A solução, pois, de um conhecimento do singular por continuação da penetração intelectual através do fantasma, deve receber, no caso do conhecimento dos outros homens, um complemento fornecido pela teoria de comunicação dos espíritos ínfimos por meio de sinais. Aqui ainda é necessária a cooperação dos sentidos já que estes sinais serão corpóreos"⁵.

Portanto, D. Luciano não alimentou a ilusão de um conhecimento penetrante e transparente do outro, nem também o viu como um objeto inacessível e fechado. Conjugará ao longo de sua vida um respeito pelo mistério do outro junto com a proximidade comunicativa. Lá na tese se asentavam esses princípios teóricos. E como horizonte último filosófico, como ele mesmo escreveu por ocasião do 70º aniversário, ficou-lhe "a difania do pensamento grego, afirmando que "do nada, nada vem". "Então, a origem e a explicação deste mundo é o ser. Bom, amável, fonte de toda a vida, o ser perfeito sempre é"⁶.

Além da tese, D. Luciano deixou-nos muitos traços de seu pensar nos ensinamentos, em longas entrevistas, nas pregações, nos artigos breves e incisivos na Folha de São Paulo e em outros meios de co-

municação⁷. Pinçarei aleatoriamente alguns pontos.

Perguntado pela distinção entre assistencialismo e promoção, responde lucidamente. Diante de sociedade injusta, cabe-nos a todos a tarefa da mudança estrutural com a mais ampla participação do povo. No entanto, em face de pessoas que são incapazes, de modo permanente ou transitório, de ser sujeito da própria promoção – crianças, deficientes, anciãos, etc. – a ajuda assistencialista assume a dimensão da caridade cristã incontornável⁸.

Em momento de maior penetração teológica, apresenta a Trindade como fundamento da unidade e pluralidade na Igreja, na experiência comunitária e social. A experiência da presença da Trindade capacita-nos para reunir-nos. A Igreja é imagem da Trindade enquanto comunhão entre diversas pessoas. Nela se espelham a Igreja ao lidar com as diferenças e o respeito mútuo entre as pessoas⁹.

Houve momentos no pós-vaticano II que a tomada de consciência das igrejas autóctones viu com desconfiança a presença de tantos missionários estrangeiros no Brasil. D. Luciano prefere falar da plurinacionalidade dos missionários e dos bispos em espírito de gratidão, considerando-a uma graça. Em semelhante linha de reflexão avança, ao interpretar a inculturação como "um ato de amor"¹⁰. Ela implica fa-

⁴ L. P. Mendes de Almeida, op. cit., p. 14.

⁵ L. P. Mendes de Almeida, op. cit., p. 118.

⁶ L. Mendes de Almeida, Lições da vida, in Folha de São Paulo, 7/10/200, p. A 2.

⁷ L. Mendes de Almeida, A serviço da vida e da esperança: mensagens às famílias cristãs, São Paulo: Paulinas, 1997.

⁸ E. Olivero, Unidos em favor da Paz. Diálogos com D. Luciano Mendes de Almeida, São Paulo, Loyola, 1991, p. 55.

⁹ E. Olivero, op. cit., pp. 58s.

lar a linguagem do outro para que ele nos entenda e para isso, aprendamo-la. Partilhar a vida, identificar-se primeiro para transmitir a Palavra é um ato de amor.

A tônica do amor domina-lhe o pensamento. Usa a bela expressão de amar com o amor de Deus¹¹. Debruça-se com a mesma facilidade diante da fragilidade humana, do pecador quanto capta os mínimos sinais da graça, do amor de Deus presentes em todas as situações¹². Para ele o diálogo consiste em compreender e amar o outro. O seu olhar vive seduzido pela realidade da graça salvadora de Deus. Tempo e história se estendem como espaço de conversão. Sofre diante da incapacidade de certas pessoas de perdoar, vendo nisso a pior pobreza, que as impede de sentir a alegria do perdão¹³.

Se nos é permitido comparar dois santos profetas – D. Hélder e D. Luciano -, o primeiro foi um cidadão do mundo, de arcos gigantescos de sonhos e utopias, enquanto o segundo é o bispo da rua, do presente, do pequeno. Ambos notáveis na diferença.

III. Mestre Espiritual

Caracteriza as pessoas grandes a capacidade de orientar, no pequeno da vida, corações nos meandros do caminho espiritual. Antes de ser bispo, D. Luciano exerceu na Ordem jesuíta o papel de Instrutor de Terceira Provação. Cargo sem pompa, mas de relevância espiritual. Cobia-lhe dar a última demão na formação do sacerdote jesuíta, antes de este incorporar-se defini-

tivamente à Ordem. Além de orientar os Exercícios Espirituais completos dos terceirões durante um mês, acompanhava-os no momento importante da releitura espiritual de toda a vida passada em vista do compromisso definitivo na Ordem.

Ao longo de toda a vida, D. Luciano tem orientado, pelo país a fora, infinitas pessoas nas caminhadas espirituais mais diversificadas, desde aquelas de escol até principiantes rudes das coisas de Deus. Quem o vê interromper, inúmeras vezes, o caminho do aeroporto ou da rodoviária até o destino desejado para deixar uma palavra de conforto, de consolo e de orientação, tem alguma idéia do mapa humano desse peregrino da palavra espiritual.

Como testemunho escrito do talento de orientador espiritual está o livro-guia para os Exercícios Espirituais¹⁴. Nele oferece sábias indicações para quem orienta ou faz a experiência do retiro inaciano. É caminho seguro para aprender com Jesus a alegria de servir por amor. Em contraste com um mundo de ódio, injustiças, violências, que conspiram contra a alegria de viver como filhos/as do Pai misericordioso, ele oferece a via da confiança no Pai e da fraternidade sem distinções e discriminações. Tal caminho implica conversão, vencendo o pecado e más inclinações. Desenvolve a docilidade ao Espírito Santo que faz o fiel seguir a Cristo e a Ele se configurar. O toque mariano, que atravessa a vida do D. Luciano, se faz presente na figura de Maria, Mãe e discípula perfeita de Jesus. Ela ajuda o

¹⁰ E. Olivero, op. cit., p. 61.

¹¹ E. Olivero, op. cit., p. 62s.

¹² E. Olivero, op. cit., pp. 91, 86.

¹³ E. Olivero, op. cit., pp. 88s.

¹⁴ Servir por amor. Trinta dias de exercicios espirituais, São Paulo, Loyola, 2001.

exercitante a discernir o Projeto de Deus em sua vida na escuta da Palavra, na oração pessoal e na vivência comunitária.

Esse mestre da vida espiritual confessa que encontrou em sua mãe "a primeira descoberta teológica". "Minha mãe, pelo olhar e pelo exemplo, me transmitiu, bem como a meu pai e a meus irmãos, a fé em Deus e a certeza de que Ele nos ama. Desde cedo, aprendi a rezar o "Pai Nosso" e a "Ave Maria" e a conhecer a infinita misericórdia de Deus, que nos enviou seu filho, Jesus Cristo, para nos salvar do pecado, ensinar-nos a amar e a fazer o bem".

E acrescenta a belíssima confidência: "No mais profundo da consciência, nunca senti o vazio nem a escuridão. Deus sempre estava presente, confidente de todas as horas, sustentando a esperança e dando a paz"¹⁵.

IV. Mestre Intelectual

A vida reservou a D. Luciano poucos anos para as lides estritamente intelectuais. Apesar disso, manifestou-se exímio orientador com excelente didática. Pessoalmente guardo uma gratidão. Ao entrar no noviciado, encontrei, não sem influência do então ir. Mendes de Almeida, ambiente marcadamente interessado por leituras espirituais mais exigentes. Apenas com 16 anos, tinha rudimentos da língua francesa em cuja língua a maioria dos melhores livros estava escrita. Além do mais, no noviciado de então, era proibido estudar língua estrangeira. Nem tínhamos dicionários acessíveis. E que fiz? Recorri ao dicionário vivo que era o meu irmão de noviciado. Sem dizer-lhe palavra, na guarda austera do silêncio quase monacal, deixa-

va-lhe sobre a mesa a lista de palavras desconhecidas e na volta lá estava a tradução, pois ele conhecia perfeitamente o francês.

Nos anos de filosofia, gastava horas explicando a árida neoescolástica a inteligências resistentes a tais acrobacias especulativas. Mais tarde receberá oficialmente o encargo de Repetidor de Filosofia no Colégio Pio Brasileiro de Roma. Serviço estritamente didático. E sua capacidade de explicar as teses mais complicadas com bonequinhos e desenhos à la gibi facilitava a intelecção.

Quem o ouve até hoje fica encantado com o jogo difícil, embora aparentemente conatural, de expor idéias complexas e exigentes de maneira direta e simples. Mestre realmente da inteligência.

V. Mestre da Instituição da Igreja

Capítulo longo e relevante da vida de D. Luciano. No entanto, por razão de tempo, não lhe dedicarei o tempo merecido. A simples enumeração das tarefas eclesiais que exerceu fala de per si. Secretário e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos em momento histórico político e eclesial difícil. O regime militar impunha-se pela via do arbítrio. Cidadãos comuns e pessoas de Igreja – bispos, sacerdotes, religiosos, fiéis – perseguidos injusta e arbitrariamente encontravam, em D. Luciano, o homem corajoso que cobrava do Estado o respeito pelos direitos humanos fundamentais. Frequentou os palácios, os ministérios, as secretarias, não como cortesão, e as delegacias, as prisões, não com as imunidades do direito, mas como *persona non grata*, porque significava a consciência ética e crítica a um regime truculento e insensível a

¹⁵ L. Mendes de Almeida, Lições da vida, in Folha de São Paulo, 7/10/200, p. A 2.

tais apelos. Se os corredores dessas instâncias falassem, quantos mistérios de iniquidade e também de beleza ouviríamos.

Com esses mesmos cargos, conheceu os corredores das instituições eclesiásticas romanas. Nem sempre acolhedoras, porque não conseguiam entender a evangelicidade de bispo tão despojado, tão sem pompas, tão desprovido dos manejos curiais. Não usava a linguagem da bajulação, dos rodeios burocráticos, mas da humildade simples, da verdade direta. Sobre esse campo, pesa enorme silêncio do homem de fé, de caridade, de respeito às autoridades eclesiásticas. De seus lábios, nunca sairão as narrações das horas sofridas, das humilhações, das postergações, dos silêncios hostis. Diante das incompreensões por parte de Roma, preferiu o silêncio, a oração, o respeito obediente, o perdão. Nunca a crítica, a denúncia pública. Profeta a seu modo, no escondimento.

Além da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Luciano foi ativo em Puebla e em Santo Domingo. Aí deixou marca irredelével. Em Puebla, era o anjo noturno, que na calada da noite trabalhava para que os textos se aproximassem mais das opções evangélicas que trazia no coração e que exprimia o desejo do episcopado brasileiro. Mais uma vez: se as letras do Documento de Puebla tivessem nome, Luciano apareceria em passagens significativas.

E Santo Domingo? Basta recordar a luminosa oração que foi acolhida pelo episcopado como reflexo de seu pensar. Ela fecha belamente o documento. Com olhar arguto percebera que a ideologia dominante na Conferência era de construir na América Latina uma única cultura cristã com as terríveis conseqüências de dominação sobre as culturas de povos e segmentos oprimidos.

Soava-lhe o velho disco da neocristandade que já não respondia ao espírito evangélico. Então, com sutileza, substituiu-a pela concepção do "Evangelho encarnado" nas culturas dos povos indígenas e afro-americanas. Habilidosa hermenêutica!

Pertenceu durante anos à Comissão Permanente dos Sínodos e participou de todos eles desde quando foi eleito bispo até o último. E neles deixou sua marca. Quem não se lembra daquela ida ao Sínodo ainda em cadeira de rodas depois do acidente que quase lhe custou a vida?

Mostra-se lúcido diante das tarefas que o momento atual pede da Igreja do Continente. Em dado momento, definiu-as. Começa com a inculturação na cultura urbana das grandes cidades, nas culturas indígenas e afro-ameríndias. Prossegue destacando a relevância do catolicismo popular, cujas devoções revelam fé mais forte que pareceria à primeira vista, sem desconhecer o catolicismo dos ambientes secularizados que procuram novas expressões de fé.

Constata a busca de sentido de vida num mundo que decepciona jovens e que se apresenta sem saída por causa das injustiças e violências. Muitos são levados ao consumo de drogas, ao alcoolismo, ao terrorismo, ao suicídio. Como transmitir a eles a transcendência da mensagem de Cristo e da Igreja?

A teologia da salvação põe em jogo a mediação necessária da Igreja e a ação misericórdia de Deus por caminhos originais do Espírito. Cabe identificar a ação missionária que respeite a ação de Deus em milhões de não crentes e viver o anúncio explícito do Evangelho.

Finalmente, importa desde nosso continente de maioria católica colaborarmos para uma teologia e uma prática do amor cris-

tão, construindo a civilização do amor, evidenciando a confiança na presença e ação de Deus, de um lado, e, de outro, empenharmo-nos em construir sociedade fraterna, marcada pelos valores cristãos da gratuidade, bondade do coração, universalidade, predileção pelos excluídos, perdão, esperança na vida eterna, solidariedade pelos caminhos de justiça e paz. Termina com a provocante pergunta: "Como a caridade que infunde em nossos corações será capaz de nos converter e transformar a sociedade de acordo com sua vontade?"¹⁶

VI. MESTRE DE VIDA especialmente dos POBRES

A vida humana, no pequeno cotidiano das pessoas simples e necessitadas, ocupa-lhe praticamente todo o tempo. Aí mostra, de modo sublime e extraordinário, a maestria. O título de "Mestre" atinge o ponto alto. D. Luciano é imbatível nessa docência de vida.

Ele se define como alguém marcado pelo traço da felicidade e alegria interior. Na celebração do jubileu de prata, disse em voz firme ao povo: "Não sei se vocês já viram um homem feliz. Eu sou"¹⁷. Mas se colocamos num dos braços da balança a alegria, a festa, a felicidade, o gozo e no outro o sofrimento das pessoas, a cruz do Senhor, a miséria humana, a compaixão com a dor alheia, na vida de D. Luciano esse segundo braço pesaria muito mais. Não é porque não valorize a bondade e a gratuidade de Deus em oferecer-nos alegria e prazer, mas porque sente certo pu-

dor de mostrar um rosto de páscoa quando a maioria das pessoas vive em permanente sexta-feira santa.

Se não bastasse o longo tirocínio, anos a fio, de contacto e compaixão com o sofrimento alheio, o Senhor o matriculou num curso simultaneamente intensivo e extensivo de dor e sofrimento. Foi o acidente de fevereiro de 1990. Fisicamente resume-se no afundamento de crânio, em dois fêmures quebrados, na fratura da mandíbula e do antebraço, na ruptura da aorta, na dezena de operações que se seguiram.

Naqueles dias últimos de fevereiro e início de março, viveu-se mistura misteriosa de escuridão de morte e de luminosidade de ressurreição. O centro da experiência foi a UTI do Hospital Felício Rocho. Para lá convergiam as dores e as esperanças, as orações e as mensagens vindas dos diversos cantos do Brasil e do estrangeiro. As humildes Patrocínias e as autoridades maiores da Igreja e do Estado se perturbavam e perguntavam pelo seu estado de saúde. Multiplicaram-se as visitas, as flores, as ofertas de órgão para transplante, os plantões na porta do hospital, as cartas inumeráveis, as orações, as vigílias dos vicentinos.

Como um homem tão humilde, tão simples, tão próximo do povo conseguiu mexer com camadas as mais díspares da sociedade, estamentos da Igreja e sociedade! É o túnel da dor e da morte que ameaçava tragá-lo. Era o grito de esperança que rompia o silêncio da luta dos médicos e enfermeiros para suturar-lhe, em fração de minutos, uma aorta que se romperia, para evi-

¹⁶ D. Luciano Mendes de Almeida, O pensamento episcopal latino-americano do Rio a Santo Domingo, in CELAM, O futuro da reflexão teológica na América Latina, São Paulo, Loyola, 1998, pp. 25s.

¹⁷ Estado de Minas, 06/05/2001, p. 21.

tar uma infecção que podia eclodir a qualquer momento, para soldar uma fratura que podia deformar a vítima para sempre.

A delicadeza de amigos guardou a série de bilhetes que a vítima desde a UTI, quase imobilizada, escreveu em enormes garanchos¹⁸. Em termos psicanalíticos lemos a grafia do inconsciente. O mais profundo de sua interioridade se revelou, já que os controles do superego se afrouxaram. E com que maravilha nos defrontamos!

Antes das letras, falaram alguns gestos. O polegar levantado estabeleceu uma primeiríssima ponte com o mundo externo, apontando para a esperança. Tudo não está fadado à morte. Há um dedo que se levanta indicando a vida ou que desenha na mão do irmão em sinal de dor e preocupação o nome do P. Ângelo, o secretário que morrera no acidente. Tocando a aliança dos irmãos perguntava pelos cunhados e sobrinhos.

Os bilhetes traduzem sentimentos e atitudes básicas. Uns são bem humanos, corriqueiros, que revelam os desejos primários do ser humano: deseja comida bem leve, suco de lima, de laranja-lima, de mamão, bebe com gosto água mineral sem gás e sem gelo e acrescenta com sabor poético: "a gente vai tomando até a última gotinha". E numa das manhãs, refere-se à primeira noite que dormiu um pouco mais. "A noite, simbolizada pela lua, é longa".

Um segundo movimento, mais profundo, revela a dupla dimensão de sua espiritualidade: a bondade de Deus e a preocupação com os outros. "Deus é bom", escreve no dia 1º de março. A tônica fundamental são os outros. Quem falou com a família do Pe. Ângelo que ele morreu? "Se

há outros graves, pensem nos outros". Sua vida é expressada como dom. "Ofereço com amor minha vida por vocês"; "é bom sofrer para os outros"; "é bonita a vida de quem ajuda os outros a viver de novo".

Mostra enorme gratidão pelos que cuidam, rezam, pensam nele, julgando que não merece tal atenção. "Agradeço de coração tanto apoio e solidariedade: minha vida não vale tanto"; "Gostaria de poder agradecer a Deus e a todos trabalhando + pelos doentes e pobres"; "enquanto Deus me der vida: médicos e enfermeiros têm sido incansáveis"; "quanta bondade D. Serafim, D. Eugênio em virem me visitar: Deus lhes pague: peço absolvição e bênção: estou pedindo a Deus". Quando recebe tanta atenção pensa "onde muitos dormem debaixo da ponte".

Nem faltou o toque mariano e a lembrança de um dos antigos bispos de Mariana: "Maria na glorificação do santo pastor de Mariana: D. Viçoso – vamos pedir juntos".

Concluindo o tirocínio do acidente, o belo testemunho do amigo italiano Ernesto Olivero. Vindo da Itália, visita-o no dia 14 de março. Assim escreve o que conversou com D. Luciano. "Rezei por você naquele ensejo em que dormia; a sua fisionomia era sofrida, mas a angústia não prevalecia. Ao fim de poucos minutos, um assomo de luz o iluminou, você abriu os olhos, viu-me e o seu rosto iluminou-se: "Ernesto... Ernesto..". Nunca ouvi o meu nome ser pronunciado com tanto amor, com tanta amizade. – Que está fazendo aqui? E eu, com o coração confrangido pela emoção, calado.

- Pe. Ângelo está no céu...uma alma tão bela.

¹⁸ Bilhetes de Dom Luciano, São Paulo, Loyola, 1990.

Até naquele transe, D. Luciano, você não se desmentiu. Logo pensou no outro"¹⁹.

Em testemunho simples, depois de conviver com D. Luciano no Palácio o tempo da convalescença, D. Serafim disse: "Em D. Luciano, a caridade flui".

Aprofundemos um pouco o lado mais luminoso do magistério de D. Luciano, sua paixão pelos pobres. A Faculdade fez questão de inserir essa característica máxima de D. Luciano no texto solene da outorga do Doutorado: a "insignis charitatis erga pusillos et pauperes" – de extraordinária caridade para com os pequenos e pobres -.

Tudo começou quando ele era estudante de teologia em Roma. Ele mesmo confessa que a aula inaugural foi na Prisão de jovens e adolescentes do Istituto Gabelli, via di Porta Portese, Roma, em 1955. Como aluno de teologia, acompanhou colegas italianos na atividade pastoral de final de semana. Era uma casa de correção de menores infratores. 200 cumpriam pena num edifício velho, grande. Aí teve uma presença contínua, assídua. Em plena belíssima Roma, rapazes e moças viviam em horrosas situações anti-sociais.

Brotou-lhe a pergunta existencial que o converteu definitivamente para os pobres: "Como posso ficar estudando, me diplomando, gozando de todas as oportunidades de uma formação quase privilegiada, e ao mesmo tempo saber que esses quase 200 jovens estão trancados entre muros altíssimos, sem ver a luz do sol, com

guardas que, freqüentemente, espancam aqueles que, em seus confrontos, assumem atitudes agressivas e violentas; sobretudo quando sei que um deles foi morto na via di Porta Portese, porque se comportava de maneira muito agressiva e se impunha demais aos companheiros"²⁰?"

Daí para frente, o anedotário da caridade de D. Luciano não tem fim. São infinitos exemplos: dar o dinheirinho para a menina de rua ir ao cinema, brincar de rolar pneu com meninos de rua, preparar sopões para os pobres nas altas madrugadas frias de São Paulo, cobrir com cobertor os mendigos da praça de Mariana como uma mãe o faz com os filhos pequenos, apartar briga numa volta à casa durante o Sínodo em Roma, etc. etc. Quando morava no Rio, na rua Bambina, um colega nosso, com certa ironia maldosa e caridosa simultaneamente, dizia que ele tinha transformado nossa residência numa sucursal de Belfort Roxo.

A sua preocupação com os pobres os transformou no seu mestre. Ele se fez discípulo dos pobres. Com toda clareza afirmou: a maior densidade de valores está no coração dos pobres²¹. Num momento de dor e compaixão, disse que se deveria "abrir as portas das casas e Igrejas para abrigar à noite os pobres"²².

Aqui ficamos com essas pitadinhas. Oxalá um dia, um biógrafo cuidadoso, conseguisse aumentar o repertório das infinitas caridades de D. Luciano.

¹⁹ E. Olivero, Unidos em favor da Paz. Diálogos com D. Luciano Mendes de Almeida, São Paulo, Loyola, 1991, pp. 8s.

²⁰ E. Olivero, op. cit., p. 21.

²¹ E. Olivero, op. cit., p. 92.

²² E. Olivero, op. cit., pp. 68, 51.

Conclusão

No início do trabalho estava Santo Tomás. Terminei recordando uma frase que Santo Tomás cita de Boécio na Suma Teológica, ao definir a eternidade. Peço licença para resumir com ela toda a vida de D. Luciano. *"Interminabilis vitae tota simul et perfecta possessio"*²³. A vida de D. Luciano foi uma "perfeita posse". Toda e ao mesmo tempo. De que? De uma vida interminável de amor, de caridade, de dom de si. Se a eternidade é isso, ele já é eternidade. Confirma com a vida, o que o teólogo J. Ratzinger em tempos idos escrevia: "todo amor quer eternidade - o amor de Deus não só a deseja, como a realiza e é"²⁴.

E recentemente, na qualidade de Papa, escreve na Encíclica *Deus caritas est*: "o amor promete infinito, eternidade — uma realidade maior e totalmente diferente do dia-a-dia da nossa existência", "o amor visa a eternidade". Assim vive D. Luciano à luz do ágape-eternidade no seguimento de Jesus a serviço dos irmãos, fazendo tudo, como reza o seu emblema episcopal, *In nomine Jesu*.

J. B. Libanio. Teólogo. Professor de Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus de Belo Horizonte. Assessoria teológica em nível nacional e internacional. Várias obras publicadas.

Endereço do autor:

Caixa Postal 5047

CEP 31611-970 Belo Horizonte MG

QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE

- 1 - Qual lhe parece ser a contribuição mais importante de D. Luciano para a Igreja no Brasil?
- 2 - Que traços da sua personalidade impressionam mais a você? Porquê?
- 3 - Como o legado de D. Luciano desafia a Vida Religiosa no Brasil hoje?

**“Como um homem tão humilde,
tão simples, tão próximo do povo
conseguiu mexer com camadas
as mais díspares da sociedade,
estamentos da Igreja e sociedade!,,**

O que o Espírito diz à Vida Consagrada...

Uma visão do Congresso Nacional "Novas Gerações e Vida Religiosa"

Memória, Poder e Utopia*

IRMÃO MARCUS ALEXANDRE MENDES DE ANDRADE, CM

Uma verdadeira epopéia da Vida Consagrada! Eis, com certeza, a melhor palavra para expressar esta intensa e fecunda experiência vivida por cerca de 1200 consagrados/as, entre os dias 15 e 18 de junho de 2006, em São Paulo – SP. Segundo o Dicionário Aurélio, epopéia é *poema de longo fôlego acerca de assunto grandioso e heróico*. Exatamente o que lá vivenciamos! Um *poema*. Poema de amor e consagração, emanado do desejo ardente daquela multidão de consagrados/as das mais diversas idades e localidades do Brasil e do mundo. E um *poema de longo fôlego*, porque o Congresso Nacional foi intenso e denso, tanto em sua profundidade espiritual como em sua segura e clara reflexão. E, é claro, como todas as epopéias, o Congresso discorreu sobre um *assunto grandioso e heróico*. Grandes nomes passaram pelas mesas de trabalho... Grandes personalidades assessoraram e refletiram temas os mais diversos... Mas a grandeza deste Congresso não estava nessas grandezas pessoais. Sua grandeza estava explícita na pertinência de sua causa e no testemunho eloqüente e,

por vezes, silencioso de uma infinidade de consagrados que ali estava para entrever novos horizontes e sonhar com uma Vida Consagrada (VC) mais fecunda e fiel ao seguimento de Jesus, única razão de sua existência e fonte perene de sua vitalidade e missão.

Na tentativa de condensar aqui as principais discussões deste Congresso, assumimos uma quase impossível tarefa, pois os sentimentos falam muito mais do que as palavras. O estar lá e poder participar ativamente da fraternidade intercongregacional são experiências por demais difíceis de serem explicitadas. No entanto, empreenderemos essa façanha, no mais vivo desejo de que também outros se entusiasmem com o este projeto e se disponham a esta caminhada revitalizadora da VC.

O Projeto "Novas Gerações e Vida Religiosa", acolhido por um grande número de consagrados/as, lançou raízes em todo o país. Com efeito, o conceito Novas Gerações, a partir do corte antropológico, ajudou-nos a compreender que todos os consagrados e consagradas são responsáveis

* Este texto, elaborado por um jovem consagrado, participante do Congresso, é um breve relato reflexivo sobre algumas conferências e exposições realizadas durante o Congresso "Novas Gerações e VR".

pelo futuro da VR e estão comprometidos/as com a busca de uma nova forma de viver a consagração, no atual contexto sociocultural. Longe de uma visão cronológica, o Projeto Novas Gerações se abre a todas as pessoas que se decidem a identificar-se com Jesus, em sua radicalidade apaixonada pelo Pai e pelo Reino e, em sua missão junto dos irmãos/as. Novas Gerações é sinal de novos tempos, de transformação das consciências e de capacitação para um novo apostolado, muito mais fecundo e atento às demandas do tempo presente. Novas Gerações é uma nova mentalidade, um novo jeito de ser consagrado/a e de viver com entusiasmo e convicção, a consagração e o seguimento de Jesus. É um novo tempo! Tempo de revigoramento das forças e de revitalização carismática, tempo de encontro com as próprias fontes e de atualização da profecia do Espírito, tão bem interpretada e vivida pelos fundadores/as, tempo de fazer memória do passado, atuar no presente e entrever o novo que, mediante desdobramentos no hoje da história, deve produzir um futuro fértil e esperançoso.

Para que a voz do Espírito, atentamente escutada e saboreada durante o Congresso, possa ecoar ainda mais, dispomo-nos aqui a apresentar algumas luzes emanadas do Congresso e, ainda ousamos sonhar com algumas perspectivas para nossa VC.

I. Luzes do Congresso Nacional: Memória, Poder e Utopia

Memória e Futuro da Vida Religiosa

Na primeira conferência do Congresso que teve como tema *Vida Religiosa Consagrada – Memória e Perspectivas*, Pe. Carlos

Palácio, SJ, e Ir. Cleusa Andreatta, DP deram sua contribuição significativa.

Para Carlos Palácio a memória não envolve apenas uma dimensão social, mas também uma dimensão pessoal, um processo no qual cada pessoa em particular se envolve totalmente, inclusive em sua dimensão relacional. Segundo ele, a crise atual que a VC experimenta situa-se dentro da crise pós-conciliar e social, que levantou para a VC, especialmente nos últimos quarenta anos, algumas perguntas sobre sua identidade e missão: O que somos? O que devemos fazer?

O grande desafio colocado é a necessidade de se compreender a fé cristã num novo horizonte. Diante da desarticulação da VC e de sua não-correspondência aos apelos da história atual, é preciso adentrar num processo de re-conversão dos valores da VC, de re-articulação da fé e de remodelação de sua vida.

Tanto a experiência original e originante de Deus em Jesus Cristo, como o estilo de vida configurado a Jesus (o *ethos* próprio da VC) e a missão, concebida como entrega para o serviço dos irmãos, estão totalmente desarticulados e sem princípios norteadores. Isso reflete, por sua vez, a desarticulação da própria vida, marcada por uma tríplice crise: humana, que, independente da idade, toca a todos, fragmentando sentimentos e formas de compreensão e atuação no mundo; espiritual, que gera uma espiritualidade à margem do cotidiano, sem articular a existência concreta como espinha dorsal da experiência de Deus; e eclesial, surgida da valorização da vocação cristã pelo Vaticano II, levando as demais (de especial consagração) à relativização, o que transparece no conflito en-

tre a VC e os novos movimentos eclesiais e na diminuição do número de vocações.

Apesar dessa crise, a VC é chamada a revitalizar sua existência como um dom para o mundo. Perguntar por sua identidade é perguntar como ser dom. Nesse contexto, a expressão Novas Gerações surge como um conceito antropológico e não meramente cronológico. Ao contrário do pensamento pós-moderno, que valoriza o momentâneo, a VC deve voltar seu olhar para suas origens e ver, nelas, seu motivo de existência.

Fazer memória é descobrir motivos para viver. A vida dos fundadores é, assim, tema fecundo de reflexão. Fazendo de sua existência memória viva do Evangelho sem glosa e orientando sua vida em torno da memória de Jesus, os fundadores/as deram identidade à sua consagração e vitalidade ao carisma que o Espírito lhes dava. Destemidamente, assumiram a causa de Jesus com convicção e entusiasmo, configurando-se totalmente ao Senhor que os chamava e os convidava a uma nova forma de existência.

Essa identidade constitui-se, primeiramente, pela adesão apaixonada à pessoa de Jesus, vivenciada como origem, forma e fim da VC, seu único motivo de existência e plenitude de todos os anseios humanos. Muito mais do que vida espiritual, devoções ou práticas religiosas, esta paixão é força norteadora de toda a existência, nova forma de estar no mundo e viver, conformação do pensamento e da consciência, projeto renovador e articulador de uma nova forma de existir.

É preciso, assim, recuperar a experiência do Filho de Deus, que toca e afeta toda nossa existência. E isso exige o descentramento de nós mesmos, pois não é algo au-

tomático. Infelizmente, a cada dia, percebe-se com mais intensidade uma desarticulação dessa experiência fundante entre os consagrados. O desejo de se humanizar, conquista dos tempos hodiernos, é legítimo e acertado, mas não se pode ser humano conforme os padrões e critérios do mundo. É preciso ser humano como Jesus, totalmente entregue ao amor e descentrado de si mesmo, cultivando na própria vida um novo modo de ser e agir, uma nova forma de experimentar e atuar no mundo. É preciso olhar o mundo com os olhos da ternura de Deus, isto é, olhá-lo por dentro, assumindo o que somos, nossas realidades pessoais e sociais e as tramas de nossa existência.

Por fim, Carlos Palácio apresentou um programa de futuro em vista da revitalização da VC: 1) Mudar a VC em sua raiz, abordando seus problemas com realismo e coragem para a mudança; 2) Ter um projeto de formação que leve os e as jovens a fazer a experiência fundante da VC, não se contentando em transmitir-lhes teorias vazias e inócuas; 3) Criticar as ideologias espirituais que não abrem caminho e aceitar a mudança de paradigma; 4) Assumir que a VC será no futuro pouco expressiva numericamente e, à medida que se afasta do poder instituído, muito mais flexível e ágil, profética e autêntica.

Ir. Cleusa Andreatta, por sua vez, apontou três eixos imprescindíveis na reflexão sobre a identidade da VC: a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão. A partir deles, a VC deve se engajar na re-interpretação e na re-significação de seu projeto fundamental, na mais viva certeza de que não se pode levar a consagração só com boa vontade. É preciso consciência de que

estamos sendo bombardeados de todos os lados e que, se não tomarmos sérias atitudes, a VC não sobreviverá. A formação, esperança das congregações, deve ser encarada com seriedade e empreendida como introdução a uma experiência viva, como volta ao Evangelho, em toda sua radicalidade. Se os jovens não assumirem, com firmeza e convicção, a identidade da VC, que compreende a adesão apaixonada por Jesus e uma nova forma de compreender o mundo, não haverá nenhuma esperança.

Hoje, tornam-se mais que necessários a busca e o resgate de uma experiência fundante, muito além de meros atos de piedade e vida de oração. É preciso concentrar toda a existência na busca de Deus como absoluto e fonte de significação de nossos valores, integrar nossa oração com a vida concreta do povo, propor uma vida comunitária alternativa à fragmentação social e adentrar o mundo dos pobres.

Na mesa que contemplou o tema, *Crises e Utopias da Vida Religiosa*, Pe. José Oscar Beozzo, em sua reflexão, apontou os motivos pelos quais a VC surgiu na história e como ela conseguiu manter sua vitalidade. Ao lado da *fuga ecclesiae*, isto é, da ruptura com a Igreja atrelada ao poder e longe de seus princípios, enfatizou o desejo da VC de estar respondendo aos apelos do mundo e falando-lhe ao coração. O monacato, no século IV-V, surgiu nos campos, onde não havia comunidades cristãs. Seu voto de estabilidade garantia a permanência dos monges no serviço ao povo campestre, preso aos campos por força do próprio trabalho. No século XIII, a VC, fértil e fecunda em seu dinamismo, mais uma vez conseguiu corresponder às demandas de seu tempo. Os mendicantes surgiram como

peregrinos, a modo de mercadores ágeis num mundo caracterizado pelas cidades e pelo comércio. No século XVI, mais uma vez a VC não teve medo de se desfazer de velhas estruturas e criar o novo: as grandes congregações missionárias surgiram para responder a um mundo marcado pelas navegações e pela descoberta de novas terras.

Sexualidade, Afetividade e Consagração

Na conferência com o tema *Subjetividade, Sexualidade e Consagração Hoje*, a reflexão foi conduzida por Pe. Dalton Barros, CSsR, e Ir. Annette Havvenne, SM. Pe. Dalton Barros iniciou dizendo que o grande desafio da VC hoje é situar os e as jovens no contexto da consagração, devido a um descompasso existente entre sua chegada nas congregações e a integração de sua subjetividade e de sua vivência sexual. Apesar do ideal da VC de viver e ser movida por amor, muitos jovens chegam marcados pela desordem e pela fragmentação da afetividade. E isso leva a consequências sérias, pois elementos constitutivos da consagração, como os votos e a possibilidade de entregar-se inteira e livremente por amor a Jesus, são compreendidos como se não fossem necessários à VC.

Afirmando que a subjetividade e a sexualidade devem ser consagradas a cada dia, conforme a pessoa vai se desenvolvendo e se constituindo como ser humano, Padre Dalton Barros iniciou sua abordagem pelo *Hoje*. O panorama dos tempos atuais foi apresentado pelo enfoque da mudança de tempo, de relações de intimidade, de relações de poder e autoridade e de relações com o econômico.

Quanto à mudança no tempo, salientou-se a correria vertiginosa da pós-modernidade. O tempo é lucro e o desejo de benefícios dá o tom das relações e do pensamento. O importante é o que rende e não a gratuidade das relações e a bondade dos afetos desinteressados e espontâneos. Tudo se busca sem se pensar na necessidade da demora e da espera, realidades imprescindíveis para a boa execução e para o bom ordenamento das realidades, por levarem a atitudes pensadas e meditadas pormenorizadamente. O "presentismo", da cultura atual, gera desinteresse nos estudos (que exigem tempo e introspecção) e leva a curtir o presente como se fosse a única realidade.

Quanto à mudança nas relações de intimidade, a pós-modernidade desperta para relações prazerosas, marcadas pelo horror à distância, virtualmente encurtada pela internet e pela magia da tecnologia. Tal prática, no entanto, contrapõem-se diretamente às relações frias e superficiais dispensadas àqueles com os quais se divide a vida real.

Quanto à mudança nas relações de poder e autoridade, a VC é questionada por sua própria história fundacional, marcada pela fraternidade, bem diferente das estruturas de autoritarismo que adentraram, ao longo dos séculos, nas mais variadas formas de consagração. Também o poder da internet, anônimo e pulverizado, ameaça a VC hoje, pois todos se tornam dependentes e vulneráveis diante dos inimagináveis avanços cibernéticos.

Por fim, quanto à mudança nas relações com o econômico, a máxima do filósofo R. Descartes inverte-se para: *Consumo, logo existo*. É a ditadura da aparência, em que o

dinheiro, real ou virtual, dita as ordens e determina as relações, pervertendo a VC no seu interno.

Abordando o tema da *Subjetividade*, Padre Dalton Barros situou o ser humano em sua complexidade existencial, marcada por uma herança genética de incontáveis gerações, diante da qual cada um é convidado a nascer, isto é, construir sua própria existência a partir deste seu corpo fragmentado, desenvolvendo suas potencialidades e sua afetividade, deixando as realidades ressoarem em sua existência.

Quanto à *Consagração*, a entrada na VC necessita de atenção especial, pois só deve ser feita por quem é capaz de refazer os mapas de sua própria subjetividade. Assim, o processo vocacional não deve ser em vista daquele que é apto para a VC, mas daquele que é apto (humanamente) para ser apto (para a VC).

Vocação é reorganização da própria história, reorientação existencial a partir de valores e de princípios que a dignificam. É modelar a subjetividade, valorar a realidade e re-significar a existência. Ademais, é valorar a vida a partir de um processo ético bem definido (Reino). Por isso, pode-se afirmar que só o desejo de humanização e de reconfiguração da existência à luz de Jesus leva a optar pela VC. Não há outro motivo legítimo para tal opção.

No tema da *Sexualidade*, viu-se que o próprio nascimento do ser humano já é marcado pela fragmentação. Todos nascemos inacabados, pulsionais e sexuados. A construção da subjetividade consagrada não pode deixar de lado essa realidade. Exige, pois, conhecimento e capacidade de articulação da existência. É preciso construir a subjetividade como homem ou como mu-

lher, sem deixar diluir sua própria identidade sexual.

O amor, ao contrário do que se diz hoje, distancia-se da busca de exclusividade nas relações. Este desejo de posse deve dar espaço para relações de encontro gratuito e de domínio dos próprios desejos. Olhando a consagração como entrega por amor, a VC ganha um tom todo especial de oblação e generosidade, pois nos leva a ser absolutos no amor e radicais na ternura, deixando nosso carisma nos lançar na fragilidade humana para sermos dom para o mundo.

Ir. Annette Havvenne, por sua vez, apontou, em linguagem de gênero, três desafios:

1. Ser mulher de ninguém: o desafio é conviver com a solidão, com o vazio de não ter ninguém, sem deixar a alma e o corpo se deformarem pela falta de amor, pelo fechamento interior e pelo cultivo de uma vida amarga e infértil. A VC não pode inibir o amor, mas deve orientar as pessoas para se doarem a um grande amor, que é a pessoa de Jesus Cristo, que não se pode confundir com valores ou apenas com uma causa. Sua pessoa é o cerne da VC e só por causa dele se consegue viver radical e fielmente a consagração.
2. Ser mulher de um único amor: o desafio é encontrar um sentido de pertença que ajude a definir a própria identidade, visto que o outro é necessário como mediação da descoberta de si. Nesta perspectiva, desafia-nos ser de um único amor em meio a esta cultura do provisório, que invade as consciências, incutindo-lhes a idéia de que se deve experimentar tudo, sem o mínimo critério. É a ditadura ideológica do "ficar

uma só noite para não ficar de verdade". Experimentar tudo sem compromisso e sentido de interação. A VC, ao contrário, é chamada a amar na duração da história, a encarnar o amor nos gestos cotidianos de ternura, cuidado e atenção para com o outro.

3. Ser mulher irmã: o desafio é romper com as relações de exclusividade e dependência. Aqui a VC deve se lançar para além de si mesma, assumindo sua presença profética no mundo e sendo oblação de si mesma pelo bem do outro.

No que se refere ao tema da afetividade, foram, ainda, apresentados alguns desafios para os formadores: 1) dedicar-se ao cuidado da própria subjetividade e sexualidade, integrando-as a partir de referenciais evangélicos e éticos; 2) ajudar a enfrentar os desafios da sexualidade, sem ter medo de abordar as questões e preocupando-se realmente com a vida dos formandos; 3) não resolver tudo com livros e manuais sobre sexualidade e consagração, visto que o mais importante é a presença e o apoio, o testemunho, a amizade fraterna e a ternura da acolhida; 4) abordar os temas com clareza, firmeza e competência, em vista da integração da identidade dos formandos.

Na mesa onde se abordou o tema da *Autonomia e Comunidade*, contamos com a contribuição e reflexão de Ir. Patrícia Licandro, USC, e Pe. Jailton Lino, PSDP.

Para a Ir. Patrícia Licandro, o grande desafio da VC hoje é criar uma comunidade forte e integrada, sem apagar e desmerecer a subjetividade pessoal e, ao mesmo tempo, dando-lhe elementos para sua constituição e aprimoramento. Tal comunida-

de deve ser lugar da experiência do amor, porque só o amor fortalece e amplia os horizontes da existência, lugar da experiência de ser amado por Deus e de poder amar, na gratuidade e na co-responsabilidade. A comunidade, assim, deve se encaminhar para estabelecer relações adultas, integrando desejos e vontades, e não passando por cima deles. Desafia-nos a criação de comunidades que favoreçam o pensamento livre, dando liberdade para se abrir e refletir, alimentar as visões de mundo e fazer conscientes os pensamentos não-verbalizados; comunidades que não tenham medo do pensamento divergente e, a partir deles, se propõem a construir a identidade pessoal.

A comunidade precisa estar aberta para a discussão de todas as dimensões da vida, não impondo aos seus membros a necessidade de se mostrarem como pessoas inteiras e totalmente integradas. Faz-se necessário valorizar a subjetividade, não dificultando a abordagem das fraquezas pessoais e comunitárias, mas, libertando-se do "umbigocentrismo" e caminhar para um eu-integrado que gera o nós, o comunitário.

Padre Jailton Lino, por sua vez, aludiu à importância da autonomia e de sua sábia compreensão para o futuro da VC. Defendeu que o ser humano só é verdadeiramente humano quando é autônomo e que a VC deve ser o lugar da formação da autonomia, da construção da vida e das consciências, inclusive da autonomia no uso dos bens e do dinheiro (grande problema atual, gerador de infantilidade e dependência subservente). Autonomia é também processo de cooperação. É levar em consideração os fatores preponderantes para se agir em comunhão com todos. É interação consciente e

responsável. Não é decidir pelos outros, o que seria heteronomia a modo de monarquia. Nem, por outro lado, displicência e irresponsabilidade, verdadeira anarquia.

Ao contrário, deve-se buscar a construção de comunidades verdadeiramente adultas, livres e autônomas, onde o projeto de Deus é contemplado e vivido na fraternidade, em espírito de co-responsabilidade e ajuda mútua.

Poder e Participação na Vida Religiosa

Na terceira grande conferência do Congresso, Irmão Afonso Murad, FMS, nos ajudou a refletir sobre o tema *Vida Religiosa Consagrada: Poder e Participação*. De início, distinguiu conceitos: 1) Liderança: habilidade de mobilizar pessoas para se engajarem com entusiasmo em uma causa; 2) Autoridade: reconhecimento da capacidade de liderar e exercer o poder; 3) Poder: delegação formal da autoridade para animar pessoas e coordenar processos.

Uma vez esclarecidos estes termos, pôde-se olhar para a vida dos fundadores/as, na qual se expressa claramente o caminho da autoridade sábia e evangélica. Estes/as foram pessoas de liderança natural, com habilidade para a mobilização dos demais. No processo de mobilização, tiveram sua liderança reconhecida e ganharam autoridade moral, não só pela vida que levavam como também pela nobreza de sua causa e pela força de sua vitalidade no seguimento de Jesus. Uma vez reconhecidos assim, assumiram poder formal de coordenação e direcionamento institucional. Hoje, ao contrário, percebe-se na VC uma grande inversão de papéis e valores. Muitos que têm poder não têm espírito de liderança e, o que é pior, não têm autoridade moral.

Ao propor algumas luzes para a VC, no que se refere ao tema em questão, destacou cinco dicas que contribuem na interação entre poder e participação na VC: 1) questionar com palavras e ações (o gesto dá autoridade às palavras); 2) paciência e perseverança (paciência histórica é necessária pela própria estrutura pesada das congregações, que, como todas as grandes instituições, custam mais para se desfazer de alguns de seus aspectos e remodelar outros); 3) transgressão com respeito (ser incompreendido é o preço de quem quer ir além das estruturas e encarnar no hoje a vitalidade do carisma); 4) redes e parcerias (intercongregacionalidade, ONG's e leigos); 5) mística e espiritualidade (só se alimentando de Deus é possível pensar o novo para a VC e efetivá-lo historicamente).

Pe. Ângelo Perin, MS, e Ir. Eurides Alves de Oliveira, ICM, deram sua contribuição em meio a uma análise de conjuntura, guiados pelo tema *Desafios da Economia e Partilha na Vida Religiosa*.

Pe. Ângelo evocou o texto dos discípulos de Emaús, ícone perfeito da força ideológica e existencial da partilha. Ali, o Ressuscitado só é reconhecido ao partir o pão e não em outro momento. Os olhos abertos dos discípulos são sinal da consciência aberta e clarificada. A Palavra pregada e refletida ao longo do caminho, que aqueceu os corações, é agora levada à sua plenitude com a partilha do pão. Enquanto a Palavra transforma os sentimentos e entenece a vida das pessoas, é o partir do pão que gera nova consciência. Assim acontece com a VC: a pregação só ganha legitimidade e força com a economia solidária e não com incontáveis discursos sobre a pobreza. E essa partilha solidária só é

possível ser for resultado de uma experiência espiritual, formadora de pessoas identificadas com Jesus. Isso porque mais que dar dinheiro ou bens, deve-se primeiro doar-se a si mesmo.

Ir. Eurides Alves de Oliveira, por sua vez, apontou aspectos da crise gerada na VC pelo fator econômico: 1) Enfraquecimento da inserção, contentando-se com a filantropia (concebida como ajuda independente da proximidade e do serviço afetivo e efetivo); 2) Descuido nas relações comunitárias, por demais marcadas pela ganância, pela falta de transparência financeira e pela duplicidade na administração dos bens da comunidade; 3) Criação de uma subjetividade econômica, voltada para o enriquecimento e para o confinamento dos bens a serviço de indivíduos e da congregação, sem preocupação social.

Como testemunho de radicalidade no seguimento de Jesus, coroando as muitas teorias apresentadas, tivemos a graça de contemplar a vida e o exemplo de Ir. Dalva Ivete de Jesus, que nos brindou com uma emocionante abordagem sobre a inserção e os desafios da recuperação da memória histórica da VC. Ir. Ivete de Jesus, como é mais conhecida, partilhou sua experiência de busca de Deus, como consagrada e sua trajetória de vida na inserção junto ao povo da rua. Ao terminar seu testemunho narrativo derramou uma vasilha de água sobre si e dizendo que só um mergulho radical e decidido no mundo dos pobres pode nos fazer superar os imensos desafios que se nos apresentam no contexto atual. Definitivamente, só junto dos pobres encontraremos nossa identidade, nossa razão de ser e um amplo campo de apostolado.

II. Prospectivas do Congresso Nacional: Identidade, Radicalidade e Missão

Para alargar nossos horizontes, as palavras-chave do Congresso podem nos conduzir satisfatoriamente. *Memória, Poder e Utopia* são dimensões fundamentais para a revitalização da VC, principalmente em tempos tão tensos, em que o mundo se encontra fragmentado e desestruturado.

À *Memória* gostaríamos de acrescentar a *Identidade*. Eis o motivo pelo qual se deve fazer memória, pelo qual se justifica o grande esforço de olhar o passado e novamente beber de nossas fontes espirituais. O grande esforço da VC de voltar às suas fontes, o Evangelho do Senhor e o carisma dos fundadores, não tem outro objetivo senão a revitalização de sua identidade.

Identidade é aquela dimensão que singulariza, que não deixa a pessoa ou instituição se perder na multiplicidade da existência; é o que caracteriza, define e forma a consciência. A identidade da VC, neste sentido, não é outra senão o seu modo próprio de identificação radical com a pessoa de Jesus.

Urge à VC restaurar-se por inteira, colocando-se decisivamente no caminho do seguimento do Senhor, mas não num caminho largo que não provoca transformações reais. Colocar-se no seguimento de Jesus é deixar-se envolver totalmente por sua pessoa, configurando-se a ela, tanto nas ações como nas decisões, na consciência e na utopia, no *modus vivendi* e nos próprios conceitos.

É preciso fazer uma adesão apaixonada por Jesus, deixando-se tocar por ele e ser convencido por sua Palavra. É preciso deixar-se envolver por sua graça e assumir o

mundo como ele mesmo assumiu, com amor e responsabilidade, ternura e coragem, fidelidade a Deus e destemor contra os opressores.

Se o grande problema do mundo de hoje é a falta de identidade ou a identidade desintegrada, cabe à VC propor ao mundo, na riqueza de seus carismas e a partir da fidelidade de seus membros, uma identidade bem formada, sustentada na experiência do próprio Jesus e tornada reflexo evidente do Reino no mundo. Esta talvez seja a grande contribuição que a VC pode dar ao mundo. Seu mais vivo desejo deve ser refletir no mundo a vida de seu Senhor e Mestre.

Para tanto, deve-se buscar um processo de formação claro e transparente, em que a leitura do Evangelho sem glosa gere uma formação também sem glosa, firme em suas convicções e valores, destemida em sua audácia, aberta em sua reflexão e preparada para decidir e propor caminhos.

Assim como a leitura comentada e distorcida do Evangelho obscurece sua atualidade e sua força libertadora, uma formação que não se firma em princípios claros não é capaz de gerar homens e mulheres consagrados segundo o coração de Deus e o anseio do mundo.

A falta de uma identidade por parte dos consagrados e consagradas está fazendo emergir novas gerações fragmentadas e pouco desejosas de radicalidade. O muito que se comenta, as muitas distorções na interpretação do Evangelho e a falta de conhecimento filosófico, teológico e congregacional acabam por distorcer os ideais da formação.

A VC, ao apostar nas Novas Gerações, aposta sua própria vida nesta causa evangélica. Aposta, antes, sua própria vida por Jesus. E só por causa dessa opção primeira é que se

pode, com condição, fazer a opção pela causa do Reino, pelos pobres, pelo apostolado. Somente corações abertos, que amam o que experimentam e falam do que vivenciam, podem colaborar para a transformação do mundo e para o bem de toda a humanidade. Só uma profunda experiência espiritual, que converte e edifica, pode formar homens e mulheres segundo o coração de Deus, com uma clara identidade evangélica, com consciência e liberdade interior, com radicalidade e eloqüência testemunhal.

Junto ao tema do *Poder*, acrescentamos aqui *Radicalidade*. É preciso ser radicalmente de Jesus. É preciso acolhê-lo com radicalidade transformadora e não deixar que sua Palavra apenas adocique nosso ego e nosso jeito desvirtuado de ser.

Radicalidade é palavra que não pode desaparecer do processo de formação da VC, pois orienta e dá o tom para todas as suas atividades, ponderações e perspectivas. Todas as suas atividades necessitam passar por esse crivo tão necessário. A formação da consciência, que muitas vezes se dá no laxismo ou num falso escrúpulo, deve ser cuidadosamente assumida pela VC. Seus membros não podem se contentar com uma formação humana desarticulada e incompleta. Os consagrados devem ser olhados em sua totalidade e abordados a partir de todas as dimensões de sua existência.

A vocação, nesta perspectiva, deve ser encarada com radicalidade e assumida por quem já fez este processo humano ou, pelo menos, está no caminho da integração e da descoberta de si. Vocação, que é dom de Deus para restaurar a vida e a existência e forma de os seres humanos colaborarem com o projeto do próprio Deus, não pode

ser desconsiderada e desvalorizada. Encarada com seriedade, a vocação deve nortear a existência dos consagrados para que se formem segundo o paradigma do Salvador, tenham suas vidas redimensionadas e possam, não obstante a fragilidade da condição humana, ofertar-se como dom de amor para o mundo.

Amor é hoje outro grande desafio para a VC. Num mundo em que o amor está pulverizado, com o poder da internet, erotizado e fragmentado em seus afetos, desconcertado em seus princípios e desestruturado em sua forma de encarar a vida e as relações, a VC tem como grande missão ser oferta de amor, entrega radical num mundo que não entende a gratuidade da existência e a possibilidade de relações fraternas, impregnadas de ternura e afeto.

A radicalidade é necessária também para se ter coragem de criar formas alternativas de VC, longe das estruturas opressoras do mundo e diferente dos esquemas mentais que impregnam a mente dos dominadores. A VC, que sempre conseguiu ser profecia no mundo, exatamente por sua capacidade de revitalizar sua experiência fundante e propor ao mundo uma alternativa humanizadora, não pode se calar nos dias atuais. Em tempos de grandes questionamentos e de aparente inércia, a VC é provocada a ousar. Ousar formas libertadoras de vida fraterna, em que a igualdade e o respeito prevalecem para além das divergências ideológicas, é mais que necessário. É preciso criar comunidades em que o carisma fundacional se expresse em toda sua vitalidade, sem se deixar anuviar pelas deformações humanas que o abafam e o fazem sucumbir; comunidades que não tenham medo de criar um sistema econômico hu-

manizante, sem fazer do poder financeiro uma forma de opressão das consciências e dos sonhos dos consagrados; comunidades que conseguem se formar, em meio à multiplicidade da vida, sem perder sua identidade originária e sua força profética constitutiva. Por fim, comunidades que vivam tanto da profecia interna – fruto da transparência e da verdade nas relações, da integração dos afetos pessoais e relacionais e da seriedade do compromisso assumido em fraternidade – quanto da profecia externa, pela qual a VC, autêntica e verdadeira no cultivo de sua identidade, é lançada ao coração do mundo para dilatar o Reino.

Nesta perspectiva, não se pode mais aceitar uma VC sem diálogo e sem participação, sem integração entre as pessoas mais jovens e as mais experientes, sem projetos comuns, debatidos e estudados minuciosamente por todos os seus membros. Não se pode aceitar uma VC fechada sobre si mesma, preocupada com seu próprio enriquecimento e voltada para a satisfação de suas próprias necessidades, gastando forças econômicas, de pessoal e institucionais para o próprio proveito. Não se pode aceitar, por força da radicalidade evangélica, uma VC que não seja profecia no mundo, e, como foi dito, profecia que começa em seu próprio interior, renovando-se constantemente. Seu lugar é o mundo. Sua identidade é o Cristo. Sua radicalidade, a força que transformará a sociedade. Seu testemunho, o eloqüente reflexo da vontade do Espírito.

Finalmente, para levar a cabo este projeto revitalizador das Novas Gerações, a *Utopia* deve ganhar destaque. Aqui ela aparece combinada com a *Missão*, transbordamento natural do vigor carismático e da opção clara e decidida por Jesus e por seu Reino.

A utopia da VC deve ser sempre sua missão, ou seja, fazer com que a proposta do Reino, semeado e inaugurado por Jesus e, doado a nós como oferta a ser assumida com radicalidade, possa ser efetivada em todas as partes. Com uma capacidade quase única de se adaptar às mais diversas circunstâncias e se reconfigurar para falar ao coração do mundo, a VC tem diante de si uma grande missão. Fazer com que Deus seja conhecido e amado por todos e que sua Palavra seja força transformadora da realidade, eis a missão dos consagrados.

Antes de mais nada, esta missão de anúncio explícito precisa ser precedida e acompanhada pela missão do serviço e do testemunho. A VC é convocada a estar onde as lágrimas escorrem e a vida está sendo minada, onde a opressão agride e a exclusão impõe-se como regra. Seu lugar, de fato, é o coração do mundo, a vida concreta das pessoas e as mais diversas situações de sofrimento e abandono. É lá no meio do povo que a VC encontra o lugar teológico para sustentar sua experiência de Deus, a força para superar suas crises e a possibilidade de dar vazão à vitalidade de seu carisma. Urge, então, assumir as dores do mundo num espírito de compaixão e proximidade, encontrar-se com o povo e lá, em seu meio, engendrar o Reino de Deus, na busca da fraternidade e da justiça, da vivência do amor e da concórdia.

No anúncio explícito do Senhor e de seu projeto, a VC precisa aceitar o desafio de recriar sua linguagem, de forma que a Palavra seja entendida na atualidade e possa produzir os frutos desejados. E não só recriar a linguagem da pregação, mas, sem perder sua radicalidade

profética, ainda impulsioná-la para que não perca sua vitalidade transformadora nas comunidades.

A inserção ganha, então, uma nova força neste projeto de revitalização. Fonte de misericórdia para o povo e de conversão para os consagrados, a inserção se apresenta como uma grande possibilidade de testemunho e de interação com o povo, fazendo-se um com os irmãos, próximo dos pobres e abandonados e totalmente dedicado ao seu serviço. Em tempos de muita filantropia, que em nenhum momento exige proximidade e compromisso efetivo, bastando projetos burocraticamente corretos e perfeitos, a inserção desafia a VC a estar onde ninguém vai, a desconstruir suas pesadas estruturas e a assumir, com radicalidade, o compromisso com o Senhor e com os seus prediletos.

Por fim, o que mais importa neste sentido e determina a VC é a sua disposição para o encontro. Formar-se para o encontro, gratuito e acolhedor, afetivo e efetivo, não é necessário se preocupar com outras questões de apostolado. O desejo de encontro, cultivado na oração e na intimidade com o Senhor, por quem o consagrado e a consagrada deve estar totalmente apaixonado/a; gera determinação para assumir o compromisso do testemunho

e, com certeza, disposição missionária em vista da consagração absoluta e decidida a Deus e ao seu povo. E, uma vez disponíveis, poderemos empreender o grande sonho que é a revitalização carismática e o despertar de um novo tempo *kairológico* para a humanidade.

Por isso, Vida Consagrada, assume com bravura o que o Espírito está a te gritar! Viva da sua graça e converte-te para o teu Senhor! Eis que o mundo te está entregue e espera que assumas com radicalidade a mudança pela qual a história geme. Sê forte, e concretiza o que teu coração deseja! Transforma em vida o que tua consciência sonha! Transforma em realidade o que o Espírito te inspira e te mostra!

Que este Congresso Nacional "Novas Gerações e Vida Religiosa" seja o início de um novo tempo, a ser implantado na história pela força do Espírito do Senhor, que a todos consagra e faz conformes ao próprio Jesus, Missionário do Pai, Consagrado por excelência.

Irmão Marcus Alexandre Mendes de Andrade é membro da Congregação da Missão e, atualmente, estuda Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte - MG.

Endereço do autor:

Av. Artur Guimarães, 1112 - Santa Cruz
31150-690 Belo Horizonte - MG

E-mail: marcusalexandre@m.com

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 Você e sua comunidade acompanharam de alguma forma o processo de preparação do Congresso Nacional *Novas Gerações e Vida Religiosa*?
- 2 Na sua opinião quais são os desafios maiores que a questão das *Novas Gerações* está colocando hoje para a *Vida Religiosa*?
- 3 Como você e sua comunidade estão tentando responder a esses desafios?

A Vida Religiosa e a Política

JOSÉ COMBLIN

Introdução

Primeiro devemos partir de uma visão objetiva da doutrina social da Igreja. Esta está totalmente defasada em relação à evolução do mundo¹. Não pode ser uma base séria para construir a nossa vida. Durante todo o século XIX a Igreja romana fez oposição ao sistema democrático da democracia liberal. Ainda no século XX fez aliança com Estados autoritários e com ditaduras. Depois da segunda Guerra mundial ela se adaptou ao sistema da democracia liberal e desde então ela se expressa dentro do quadro da chamada democracia que é o sistema liberal integrado dentro do capitalismo mundial.

Ora, o Estado democrático liberal está em plena crise. Está dominado pelo sistema financeiro e as grandes multinacionais, de tal modo que as grandes decisões já não são tomadas pelo sistema democrático liberal. Este registra, oficializa e aplica em cada país as decisões tomadas pelos verdadeiros poderes. Quem manda no Brasil?

Enquanto o presidente do Banco Central não for eleito pelo povo, não haverá democracia. Enquanto não houver representantes eleitos pelo povos nos conselhos de administração das grandes multinacionais, não haverá democracia. O resto é bla-bla-bla. O sistema político atual está sendo dirigido pelos poderes financeiros e mantido para conter os povos e mantê-los na

submissão. O sistema dito democrático atual tem por finalidade impedir qualquer transformação da sociedade e do sistema das relações sociais.

Por isso definir o papel ou o lugar dos religiosos na política chamada democrática atual é definir o seu lugar na ficção. Não acho que precise passar muito tempo nisso. Claro está que há localmente casos particulares em que melhoramentos limitados são possíveis. O compromisso local também será necessário na hora oportuna, mas o desafio atual é mundial e está na organização de forças mundiais de resistência dos povos..

A Crise do Sistema Vigente

Ora, o sistema está em crise. Está numa crise interna. Quando ficou claro que a eleição de G. Bush como presidente dos Estados Unidos tinha sido uma fraude evidente praticada pelo irmão dele, governador de Flórida, o mundo começou a descobrir que "tem algo de podre no reino da Dinamarca" como dizia Hamlet. A corrupção vem do alto, do mais alto escalão de poder do sistema democrático liberal, e ela se estende em todos os países. Com essa extensão da corrupção o sistema dito democrático perde credibilidade. A juventude deixa de acreditar nele e não se compromete mais com ele, com os partidos políticos ou com as eleições.

¹ Cf. Jean-Yves Calves, *Les silences de la doctrine social catholique*, Ed. De l'atelier, Paris, 1999; Jose Aldunate, *La "doctrina social de la Iglesia" su historia, sus planteamientos, su encuentro con la teología de la liberación*, em *A esperança dos pobres vive, coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*, Paulus, São Paulo, 2003, p. 301-314.

Com essas condições o sistema de eleições, Congresso, Presidente e assim por diante transforma-se num jogo de rivalidades de clãs ou de pessoas. De qualquer maneira todos os partidos terão que se submeter às verdadeiras forças políticas. Mas é verdade que poderão ter algumas vantagens desse pseudopoder.

O sistema está numa crise externa porque os povos começam a resistir, a despertar no Terceiro mundo, na América Latina tudo começou com os indígenas, porque eles conservaram uma coesão social e cultural que lhes permite agitar em conjunto. O sistema empresarial atual conseguiu pulverizar as associações tradicionais e cidadãos, destruir os sindicatos, mas não conseguiu destruir os povos indígenas porque estes vivem num nível de pobreza tal que o capitalismo nada pode fazer contra a cultura deles. Mas depois dos indígenas virão outros tipos de associações. O Terceiro Mundo começa a recusar o sistema. Estamos entrando numa era de turbulência mundial. Ali está o problema político e ali está o lugar dos religiosos.

Como sempre, os impérios preparam eles mesmos a sua destruição. Se os Estados Unidos entram agora numa guerra contra o Irã, precipitarão mais ainda a sua decadência. Não é impossível. *Quos Jupiter perdere vult.* Dessa maneira os Estados Unidos precipitariam a queda do seu império.

Na América Latina diante da ineficiência do sistema, a não ser para enriquecer mais ainda uma pequena minoria, e diante da transformação da política em jogo de rivalidades pessoais, a juventude está esperando o surgimento de líderes carismáticos do tipo Hugo Chaves que possibilitem a ruptura das barreiras estabelecidas

pelos poderes financeiros mundiais. O futuro não é dos partidos políticos. Estes estão preparando a sua sepultura.

O ensino social da igreja

Ora, o cristianismo tem uma doutrina social, mas que não tem nada em comum com a antiga cristandade e não corresponde ao sistema liberal burguês que nos domina. Mas parece que as Igrejas têm pouco interesse pelo evangelho porque o evangelho é uma denúncia permanente. As Igrejas preferem aclamar o evangelho, conduzi-lo em procissões, oferecer-lhe incenso e multiplicar os sinais de veneração para não ouvir o que está dizendo. Em matéria social elas se adaptam à doutrinas dominantes: foi o caso da doutrina imperial/monarquista durante a cristandade, e agora o caso da democracia burguesa.

Jesus disse: "Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim" (Mc 10,42). Toda a história de Israel é uma ilustração: foi uma luta permanente entre poderes dominadores que foram inclusive reis israelitas e o povo oprimido. Com a permanente esperança da chegada do reinado de Deus. Jesus diz que agora está chegando.

Será diferente a situação de hoje? Os grandes são diferentes dos imperadores de outrora? Agora os grandes são os altos executivos das grandes corporações que têm os seus representantes no Banco Mundial, no FMI, na OMC. Eles dominam e tiranizam como naquele tempo. Alguns se dizem cristãos mas não praticam o que disse Jesus, pois entram no jogo do poder.

A doutrina democrática liberal nega a dominação e nega os conflitos. Proclama

que todos os cidadãos são iguais, que todos são livres e vivem colaborando fraternalmente. A burguesia nega-se a reconhecer a dominação que exerce. Por sinal, os dominadores nunca reconhecem que são dominadores: acham que a sua dominação é na realidade um serviço que prestam à humanidade. Os liberais acham que a sociedade construída por eles corresponde aos sonhos da sua ideologia. Acham que na realidade o povo é quem manda e dirige o seu destino. Crê que o Congresso representa as aspirações dos povos, que os eleitos representam realmente os seus eleitores e assim por diante. A burguesia chegou ao poder invocando a liberdade, a igualdade e a fraternidade contra o domínio dos reis, da aristocracia e da Igreja, mas não quer enxergar a dominação do sistema capitalista no qual somente percebe as promessas de felicidades futuras e no qual deposita toda a sua confiança, porque acredita que o crescimento da produção vai finalmente suprimir as desigualdades e somente alguns acidentes de percurso estão atrasando o advento da era feliz anunciada pelos donos da economia.

Na realidade devemos interpretar a situação atual à luz das palavras de Jesus. Estamos diante de uma oposição radical entre um grupo de poder espalhado pelo mundo inteiro que vai conquistando tudo. O que é que se pode ver no Brasil? Daqui a pouco todas as terras cultiváveis vão pertencer à Cargill e à Bunge, todas as minas já estão em mãos multinacionais, o comércio está cada vez a mais nas mãos de dois supermercados estrangeiros e assim por diante. Dominam e tiranizam.. Como no tempo de Jesus.

Desafios para a vida religiosa

Então a pergunta é: diante desta situação, onde se situam os religiosos? Não estão fora do mundo. Jesus não tirou os seus discípulos do mundo mas fez deles o sal da terra e o sal não deve ficar num armário cuidadosamente preservado. Devem ser a luz do mundo. Como podem ser a luz se estão fora? Todos os seres humanos estão implicados. Se se retiram do conflito básico de hoje, de fato eles apóiam os dominadores atuais. Quem nada faz para lutar, apoia de fato a situação existente.

Há atualmente milhares de grupos, associações, movimentos que procuram defender os direitos dos 5 bilhões de oprimidos que há no mundo atual. Onde estão os religiosos? Onde vão definir-se?

Há um segundo problema. É a relação entre os religiosos e os institutos religiosos. Na ideologia oficial, o religioso é religioso porque pertence a um instituto no qual fez os votos. Entrou na fórmula definida pelo direito canônico e assim virou religioso. Aquele ou aquela que não pertence a um Instituto não é religioso ou religiosa. Ora, aqui há uma grande confusão. O direito supõe que o instituto é anterior ao religioso ou à religiosa. Uma pessoa torna-se religioso ou religiosa quando se submete a um instituto. Esta ideologia faz do religioso uma categoria jurídica e à vida religiosa o exercício burocrático de uma regra. Isto é esvaziar completamente o sentido da vocação especial na Igreja, o carisma que de fato existe em vários cristãos. O religioso ou a religiosa existe antes do instituto e é superior ao instituto porque a vocação não foi dirigida ao instituto, mas a pessoa chamada. A vocação vem do Espírito, mas o Instituto é criação hu-

mana. O instituto está a serviço das pessoas e não as pessoas a serviço do instituto. O religioso ou a religiosa não realiza a sua vocação pela submissão a um instituto, mas o instituto deve ajudar a que cada um siga a sua vocação com fidelidade ao apelo que recebeu e acolheu.

Sucedo o seguinte: os Institutos religiosos definidos pelo direito canônico e devidamente aprovados e controlados pela Congregação romana dos religiosos, pertencem pela sua estrutura a uma época histórica ultrapassada, pertencem a uma cristandade que já morreu, a uma sociedade que desapareceu e a uma cultura em via de desaparecimento. A própria estrutura está desajustada. Os institutos que deviam orientar na vida evangélica, impõem uma cultura que se revela ser o maior obstáculo a esse vida. Porque há escassez de vocações? Não é por causa do evangelho, mas por causa dessa cultura inscrita na estrutura jurídica e em todos os costumes, tradições, formas de oração, de ação, de relacionamento. E os religiosos sentem isso na pele todos os dias. Muitos se consolam pensando que esse mal-estar é uma mortificação meritória que devem aceitar como parte da sua vocação. Acham que a sua vocação religiosa coincide com a estrutura da sua congregação, a regra, as normas da Sagrada Congregação e que são bons religiosos na medida em que se submetem a tudo isso.

Hoje em dia, é praticamente impossível que uma pessoa se identifique completamente com um instituto religioso. Se se identifica, é algo suspeito, porque pode ser o sinal de que ele na realidade não tem vocação religiosa, mas vocação para entrar num refúgio que o protege ou a protege contra os problemas do mundo. Seria como

fugir dos problemas do mundo. O que era possível e habitual há uns 50 anos atrás, já não é possível hoje em dia porque o mundo mudou mais nesses 50 anos do que nos 10.000 anos anteriores. O carisma religioso é pessoal, é uma vocação pessoal e por isso é horrível ver institutos masculinos ou femininos que fazem como faz o Opus Dei ou os Legionários de Cristo, praticar a pressão psicológica para forçar um jovem a entrar no instituto, manipular, atrair e afinal de contas enganar. Vamos deixar isso para o Opus Dei.

Alguns são chamados a praticar a sua vocação sozinhos, ou porque não encontram ninguém para acompanhá-los ou porque não se acham identificados com nenhuma instituição. Exemplo: o irmão Carlos de Foucauld recentemente beatificado. Antigamente houve muitos eremitas, desde os Padres do deserto já no século III até os beatos do Nordeste.

No entanto, muitos preferem viver o seu carisma com outras pessoas que sentem a mesma vocação. Assim nasceram os mosteiros, as associações religiosas, os Institutos e assim por diante. Ora, a política romana desde a idade média consistiu em disciplinar, organizar, formalizar e submeter a regras estritas esses carismas. Na base há uma desconfiança em relação às pessoas que invocam uma vocação especial. Há também a ambição do Papa de poder contar com tropas organizadas a serviço da sua política. Isto ficou muito claro depois do Concílio de Trento, impondo-se cada vez mais o modelo da Companhia de Jesus que voluntariamente se colocou a serviço do Papa.

Assim nasceu o direito canônico dos religiosos. Roma fez imensos e perseverantes esforços para obrigar os religiosos ou

todos os que tinham carisma a entrar nesses institutos controlados pelo direito canônico. Quando aparecia uma nova fundação fazia tudo para que essa fundação entrasse no modelo. Roma criou uma ideologia que tendia a identificar a vocação religiosa com a pertença a um instituto oficializado por ela. Segundo o direito canônico, a vida religiosa chega a identificar-se com a observância de uma regra e se ensina que se vive o carisma a partir da regra. A regra ficou assim santificada e adquiriu a prioridade sobre a vocação. A vocação seria a regra: um farisaísmo puro!

Ora, o nosso problema é o seguinte: as regras dos institutos são desatualizadas, porque prisioneiras de um direito canônico com séculos de atraso. Não podem buscar uma adaptação à sociedade e à cultura atual. Entrar numa regra religiosa é tornar-se prisioneiro de um sistema antiquado e obsoleto, que afinal se integra na política da Santa Sé, sabendo-o ou ignorando-o.

Quem entra na vida religiosa procura viver a sua vida seguindo o evangelho de Jesus. Supõe-se que os institutos preparam e ajudam os seus membros a viver uma vida evangélica. Mas, na prática, não é bem isso que fazem, ou o fazem de modo muito parcial. Em parte isto sucede porque admitem membros que não têm um carisma religioso. Em parte porque são prisioneiros de obras antigas, de casas velhas, de costumes ou instituições às quais estão apegados. Na prática o religioso ou a religiosa são reparados para entrar e ocupar um lugar no conjunto das obras e da organização do instituto. Supõe-se que isso corresponde ao evangelho. A ideologia acrescenta que de qualquer maneira qualquer ofício praticado por obediência é evan-

gético porque a obediência é evangélica. Esquecem de dizer que a obediência a Deus é uma coisa e a obediência ao instituto é outra coisa e que as duas coisas não coincidem necessariamente.

Agora chegamos à nossa política. Diante dos desafios políticos que foram lembrados de modo geral os Institutos religiosos tendem a ser "prudentes", isto é, ambíguos, demorados, tímidos, hesitantes e contraditórios.. São divididos em dois partidos e procuram uma conciliação impossível. É difícil ver um Instituto inteiro comprometer-se no concreto. Fazer documentos bonitos é fácil. Isto pode ser feito com a aprovação de todos, mas o compromisso concreto em movimentos políticos concretos ou em atos políticos concretos é mais difícil. Acontece, mas é mais difícil e não muito freqüente.

Muitas vezes os Institutos têm compromissos formais ou morais com os poderes públicos ou com instituições financeiras. Muitas vezes têm parcerias ou recebem ajuda financeira ou jurídica. Não podem meter-se em conflitos nem numa forma de oposição a tal o qual decreto das autoridades e da política das autoridades. Então aparece o conflito entre o religioso ou a religiosa que quer comprometer-se e o Instituto que fica na reserva quando não se opõe.

Por isso, o religioso ou a religiosa não pode identificar-se completamente com o seu Instituto. Poderá apelar para a espírito dos fundadores ou das fundadoras. Habitualmente os institutos já não têm nada em comum com os seus fundadores. Por isso se pode invocar a fidelidade aos fundadores contra a prática atual do Instituto. Não se pode praticar uma obediência total e cega a uma instituição da qual se

sabe que está defasada e não é a prática da vida evangélica necessária no mundo atual. O religioso ou a religiosa poderá sentir-se chamado ou chamada em nome do evangelho a tomar compromissos que não são os do Instituto. Como? Pode-se exercer pressões, insistir, discutir e finalmente até desobedecer. Ninguém pode simplesmente tranquilizar a própria consciência dizendo que quem obedece, sempre tem razão, que obedecer é um ato de renúncia pessoal e é um sacrifício maior. Há religiosos e religiosas que se destruíram e destruíram as suas capacidades e a própria vocação por uma submissão cega pensando que a regra sempre tem razão e que o superior sempre fala em nome de Deus. Chegam a passar a vida inteira constrangidos e humanamente diminuídos.

No momento da fundação o Instituto respondeu habitualmente a um desafio da cultura contemporânea. Nem sempre: pode ter sido um Instituto nascido na imaginação ou na ilusão de um sacerdote muito piedoso, mas ingênuo. Mas vamos presumir que a fundação respondeu a uma vocação evangélica. Com a segunda e a terceira geração o Instituto já se torna mais rico, já assumiu compromissos com as autoridades locais, já tem imóveis. Começa a época em que os religiosos vivem pobremente num instituto que é rico, e antigamente sobretudo as mulheres trabalhavam como escravas para enriquecer o Instituto. Tudo em nome de Deus. Na etapa seguinte o instituto já não tem mais finalidade a não ser o seu próprio crescimento, ou a sua sobrevivência, mas já não presta nenhum serviço à humanidade.

Mas isto nos leva a um terceiro desafio que intervém a respeito do nosso assunto. O direito canônico define assim a vida re-

ligiosa: "A vida religiosa, enquanto consagração da pessoa toda, manifesta na Igreja o maravilhoso matrimônio estabelecido por Deus, sinal do mundo vindouro. Assim o religioso consoma a doação total de si mesmo como sacrifício oferecido a Deus, pelo qual a sua existência toda se torna culto contínuo a Deus na caridade" (Cân. 607 §1).

Dentro da evolução cultural atual essa definição é primeiro incompreensível, segundo ela é inaceitável e terceiro ela é alheia ao cristianismo. Por sinal, a partir dessa definição não teria sentido falar em política ou cidadania.

Primeiro, não existe no cristianismo pessoa consagrada. Essa idéia de pessoa consagrada é uma idéia pagã que entrou numa ideologia cristã numa época de cristandade em que a Igreja se inspirou na ideologia do paganismo do império romano. As antigas religiões pagãs tinham pessoas consagradas, isto é, separadas do mundo, reservadas para um culto. O culto cristão é o serviço aos pobres, aos excluídos.

Segundo, Jesus nunca pediu que alguém se fizesse sinal do mundo vindouro. Ele mesmo é sinal do reino de Deus neste mundo, e ele envia os apóstolos e os discípulos para serem sinais de que o reino de Deus chegou e para construir esse reino de Deus. Ninguém deve ou pode orientar toda a sua vida para a vida futura. Jesus rejeitou essa teoria apocalíptica que tinha adeptos no judaísmo do seu tempo. A vida futura não é problema, o problema é a vida presente. Quem vive atualmente a caridade já está no Reino de Deus e já está no mundo vindouro na medida em que está plenamente neste mundo. Este tema do reino vindouro lembra o tema e a ideologia da fuga longe do mundo, do separação com este mundo.

Esta ideologia da fuga do mundo levou até a separação física imposta às mulheres como sinal de pertença ao mundo futuro. Nisto se manifestou o machismo do clero ainda não totalmente evacuado. Essas mulheres foram condenadas a nunca sair do seu convento em nome de Deus, como sinal de pertença ao céu. Este sinal é um sinal falso porque tende a ensinar ao povo que o verdadeiro valor da vida é a espera da vida futura e que no mundo atual precisa aceitar tudo e qualquer coisa com paciência. Onde no evangelho Jesus pede que alguns discípulos se isolem da sociedade? Pelo contrário, ele os envia para o mundo, para anunciar e tornar presente o reino de Deus nesta terra agora.

Terceiro, nenhuma pessoa pode fazer a doação da sua vida e Deus não pede a doação da vida. Em lugar de dar a vida, é preciso receber a Vida. Deus quer Vida e quer que cada um e cada uma viva com plenitude. O que Deus quer é que cada um e cada uma chegue a maior plenitude de Vida. Veio para que tivessem vida e não para que fizessem doação da sua vida. Se o monge se retira na solidão ou no mosteiro, é para viver mais, abrir-se à Vida de Deus e acolher essa Vida. Não é para doar a vida: o que Deus faria com essa vida? O que Deus quer, é que vivam da Vida que ele envia pelo Espírito. Depois, o monge vai para os irmãos comunicar essa Vida que recebeu. Se não for assim os religiosos não poderão responder ao desafio de Nietzsche: eles deveriam parecer mais felizes, se realmente acreditam no que dizem.

Quarto, Deus não quer sacrifícios. Isto já foi dito claramente pelos profetas. Deus quer misericórdia, perdão, amor, generosidade, serviço. Ninguém pode dedicar-se a

atividades específicas de culto porque Deus não pediu o culto, mas deu a Vida e quer que vivam.

Mas então os religiosos devem emancipar-se dessa ideologia canônica. Por sinal em vários Institutos os formadores já não se atrevem a comentar essa definição porque sabem que os seus formandos estariam escandalizados e deixariam a Congregação imediatamente.

O culto verdadeiro foi explicado por Paulo no cap. 12 de Rom. Então, o que é a hóstia agradável a Deus na atualidade? É militar num movimento de luta contra o sistema atual. Este é o culto verdadeiro que agrada a Deus. Ali o nosso corpo se transforma em sacrifício verdadeiro, se quer manter o vocabulário sacrificial que hoje se tornou incompreensível, ou, quando dizem que entendem, entendem errado. Mas é melhor abandonar o vocabulário de sacrifício porque está historicamente carregado de sentidos incompreensíveis hoje em dia.

Então, quem se sente com um apelo para uma vida mais evangélica, seguindo o caminho de Jesus, pode encontrar ajuda num Instituto, mas não pense que o Instituto vai resolver o seu problema de Vida ou vai orientar à busca do evangelho no mundo de hoje. Sempre há algumas exceções, e alguns vão ajudar a entender e a descobrir o Reino de Deus nesta hora da história. É pouco provável que muitos Institutos estejam na hora da história. De modo geral agem com 50 anos de atraso e fazem coisas que tinham sentido há um século atrás. Porém, cada religioso e cada religiosa deve buscar a sua própria vocação, o seu lugar neste mundo para poder Viver mais e dar Vida. Deve pensar que a vocação do Espírito Santo é mais importante do que uma

regra feita há várias gerações e que já não cumpre mais o seu papel.

Concluindo

No momento, a Vida Religiosa está buscando o seu rumo. Não o descobrirá por via teórica, por uma reflexão racional, mas a partir da prática. Esta prática a coloca no meio do mundo e ali as experiências permitirão um discernimento. Porém, lembre-se: o mundo não se identifica com as paróquias, nem com as famílias que mandam os

seus filhos para os nossos colégios. Quantos religiosos e quantas religiosas estavam no Fórum Mundial? Quantos e quantas participam ativamente de movimentos sociais em vista de uma transformação da sociedade? Muitos e muitas parecem ainda aderir à teoria medieval da fuga do mundo, o que quer dizer fuga longe do Reino de Deus.

Endereço do autor:
Rua Rosinaldo Santana, 900
58308-650 - Bayeux - PB

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - No seu entender, quais são as principais contribuições do Ensino Social da Igreja para ajudar a equacionar os grandes problemas sociais do mundo?
- 2 - Quais os seus limites e as suas lacunas mais importantes?
- 3 - Como a Vida Religiosa (sua província, sua comunidade) se posiciona diante das grandes questões sociais de hoje?

**“Quem entra na vida religiosa
procura viver a sua vida seguindo
o evangelho de Jesus.”**

Crise de liderança na sociedade e na Igreja

VICTOR CODINA, SJ

Segundo o Dicionário da Academia Real Espanhola, líder (do inglês leader, guia) é aquela pessoa a quem um grupo segue, reconhecendo-a como chefe ou orientadora. A liderança se aplica tanto à esfera social e cívica quanto à religiosa. Nasce da mesma condição humana que tem necessidade, para a sua sobrevivência, de alguns dirigentes tanto políticos quanto religiosos que a guiem, orientem e iniciem. Do contrário se cai na anarquia e no caos. Isto indica que o líder tem autoridade para poder dirigir o grupo e que este deixa-se guiar pelo dirigente. A liderança tem aplicações e repercussões na família, na escola, na cultura, na sociedade, na política e na religião.

As formas concretas, porém, de se exercer essa liderança têm sido muito diferentes tanto na sociedade como na Igreja. Apresentar esta história vai além dos limites deste artigo, por isto nos limitaremos a assinalar alguns traços mais proeminentes da liderança a partir da modernidade.

I. Evolução da Liderança Social

O mundo pré-moderno se caracterizava por uma autoridade vertical, muitas vezes sacralizada, onde a liderança não era discutida, mas acatada com uma obediência muitas vezes servil. É o tempo do senhor feudal a quem os vassallos se entregavam cegamente, o tempo das monarquias absolutas às quais, com freqüência, a Igreja

ungia e coroava solenemente. É a autoridade do pai de família e do mestre na escola e na oficina. É um mundo onde a mulher, a parte alguns casos excepcionais (como Joana d'Arc), não está presente, e, quando está, atua de forma mais viril que feminina: Isabel, a Católica, Isabel da Inglaterra, Catarina da Rússia...

Todo este mundo hierarquizado e sacralizado entra em crise com a irrupção da modernidade secular. A Primeira Ilustração, com o chamado à liberdade e à razão (Kant), a Revolução Francesa, o surgimento de governos republicanos, a Segunda Ilustração (Marx)... liquidam com o mundo pré-moderno medieval. O dirigente já não é investido por "graça de Deus", como na Idade Média, mas através do povo e há de se guiar por uma Constituição legitimamente aprovada. A razão é entronizada, a liberdade é sacralizada, o povo é soberano.

Na América, tanto do norte quanto do sul, instauram-se repúblicas que vivem plenamente este espírito republicano e democrático, tornando-se independentes da autoridade absoluta das metrópoles colonizadoras.

No século XX, entretanto, o mundo foi surpreendido e ameaçado pelo surgimento de diversos líderes que em nome da razão e da liberdade chegaram às maiores aberrações: o nacional-socialismo de Hitler, o gulag soviético de Stalin, os fascismos de Mussolini e Franco... A escola de Frankfurt (Horkheimer, Adorno, Habermas...) com sua dialética da ilustração fez uma crítica a esta sociedade racionalista que, em

nome da ilustração, levou à morte e ao caos. O mundo não pode ser igual depois de Auschwitz...¹

A América Latina também viveu sob a ditadura de líderes militares ou civis que suprimiram as liberdades e causaram milhares de vítimas: Pinochet, Strossner, Videla, Bánzer, Somoza, Trujillo, Castelo Branco, Duvalier... para alguns, o correspondente de Auschwitz seria, na América Latina, o território de Ayacucho, que significa "lugar de mortos"... Também a África e a Ásia viveram debaixo de ditaduras irracionais: Id Amim, Mobutu, Pol Pot, Marcos...

Como reação a estes líderes autoritários e ditatoriais um profundo desejo de voltar à democracia e ao respeito dos direitos humanos nasceu no mundo todo, com o anseio de que o verdugo não triunfe definitivamente sobre a vítima, e que a justiça vença a injustiça. Os movimentos surgidos em torno do mês de maio de 1968 podem ser o símbolo deste desejo de mudança da sociedade e da busca de outras lideranças diferentes. A queda do muro de Berlim marca uma mudança de época.

Também na América Latina e no Terceiro Mundo surgiram movimentos contra a situação de pobreza, injustiça e dominação. Há uma forte ânsia de liberdade dos poderes e das autoridades opressoras. As guerrilhas, líderes carismáticos (Che Guevara, Mandela...) se levantaram contra essas autoridades excludentes.

Porém as democracias que foram surgindo por todo o mundo também foram se corrompendo e idolatrando, sob interesses econômicos e pragmáticos, apoiados pelos meios de comunicação social. A razão iluminista se converteu em razão pragmática, técnica, materialista, consumista, a serviço de uns poucos, de companhias transnacionais que só buscam o próprio interesse econômico e que não têm dúvida em provocar guerras e destruir o meio ambiente para conseguir o próprio lucro. A globalização está a serviço do capital. O exemplo mais claro desta degradação da democracia é o caso dos Estados Unidos que, em nome da liberdade, não têm dúvidas ao apoiar ditaduras quando isto lhe interessa, em provocar guerras como no Iraque, em negar-se a assinar o protocolo de Kioto, em buscar seu próprio interesse no comércio mundial, etc. E o pior é que Bush age messianicamente em nome de Deus². A Constituição da União Européia não consegue, por sua parte, o consenso de seus cidadãos. Tão pouco a ONU conseguiu uma liderança mundial³. As próprias mulheres que assumiram o poder foram vítimas dessa mentalidade pragmática, materialista e tipicamente machista: Magaret Tacher, Condolezza Rice...

Diante desta situação de descrédito da democracia e dos partidos políticos, levantam-se novamente em todo o mundo vozes de protesto de movimentos sociais, étnicos, civis e religiosos: indíge-

¹ J. Vives, *A democracia além dos ídolos*. Cuadernos Cristianisme i justícia, Barcelona, 2004.

² J. Botey, *O Deus de Bush*, Cuadernos Cristianisme i Justícia, Barcelona 2004. O que pensar de George W. Bush ajoelhado ao lado de seu pai e de Condolezza Rice em frente ao féretro de João Paulo II, a quem não ouviram no caso da guerra do Iraque?

³ T. Comín, *Autoridade Mundial. Para uma liderança planetária legítima*. Cuadernos Cristianisme i Justícia, Barcelona 2005-11-02.

nas e afro-americanos, mulheres, jovens, pacifistas, ecologistas, movimentos dos "sem-terra", grupos de excluídos (homossexuais, deficientes e doentes de AIDS...), movimentos anti-sistema, grupos religiosos fanáticos que não titubeiam a recorrer ao terrorismo, outros grupos religiosos em busca da paz, etc... O símbolo deste protesto universal pode ser o Fórum Social Mundial reunido em Porto Alegre e Mumbay com o grito unânime de que "outro mundo é possível", frente ao mundo neo-capitalista de Davos.

Acrescentamos ao que foi dito anteriormente todo o movimento da pós-modernidade com a acentuação da subjetividade, do efêmero, da pequena narrativa e da crítica às grandes narrativas, a ânsia narcisista de desfrutar do pequeno prazer de cada dia.

Neste contexto se compreende perfeitamente que a liderança social e a autoridade tenham entrado em crise. Há um descrédito da autoridade por sua corrupção e seu servilismo aos interesses econômicos, há pouca credibilidade dos partidos políticos e de seus líderes, uma ânsia de liberdade individual que não suporta leis nem autoridades (nem na família, nem na escola, nem na sociedade, nem na política, nem na Igreja...). O resultado disso tudo é a ingovernabilidade, a alergia a toda autoridade, a queda até à anomia e ao caos... O que não se pode fazer é reforçar o autoritarismo com métodos pré-modernos de alguns séculos atrás.

II. As Possíveis Contribuições da Fé Cristã

Sem dúvida, a fé judeu-cristã pode dar uma contribuição de sentido e luz a esta crise atual de liderança social.

Quando o povo de Israel é libertado da opressão do Egito no Êxodo, Javé pede ao povo que viva uma sociedade alternativa à que vivia sob o domínio do faraó, quer dizer, uma sociedade de iguais, onde os que governam estão a serviço do povo (Ex 20). Os profetas ungem os reis de Israel para que pratiquem o direito e a justiça (*mispat, wesedaqah*) (2 Sm 8,15; Jr 22, 15s; Sl 72,1). Porém como os reis não cumprem com esta função, é anunciado o Ungido-Messias que as realizará (Is 9,6; Is 11,3-5; cf. Is 61). Os profetas lançam suas invectivas contra os maus pastores de Israel que se apascentam a si mesmos e abusam das ovelhas (Ez 34) e profetizam que Javé enviará um bom pastor. Jesus será o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas (Jo10), que rechaça nas tentações o messianismo do poder (Mt 4,1; Lc 4, 1-13) e exorta os seus discípulos a não serem como os reis deste mundo que abusam das nações e se fazem chamar de benfeitores (Lc 21,25-26). As duras invectivas contra os escribas e fariseus são uma advertência a toda liderança humana (Mt 23). Para que nenhum líder se ensoberbeça, escolhe Pedro como rocha forte de sua Igreja (Mt 16, 18-19), porém este é, ao mesmo tempo, pedra de escândalo e Satanás (Mt 16,23)⁴.

A fé deveria servir para que nenhuma liderança terrena fosse absolutizada, seja civil ou religiosa, para orientar a autorida-

⁴ Seria muito evangélico se na cúpula de São Pedro no Vaticano fosse completada a citação de Mt 16,18 com a de Mt 16,23.

de ao serviço incondicional ao povo, para fazê-la solidária sobretudo com os mais excluídos, além de todo interesse pessoal ou partidário, para manter a utopia profética do Reino de Deus, para que a liderança não seja alienante, mas libertadora...

Porém, lamentavelmente, a fé cristã ao longo da história caiu em formas autoritárias de liderança, com as quais perdeu, em grande parte, a sua capacidade profética de denúncia e anúncio, de uma liderança mais conforme à utopia do Reino.

Estas breves notas podem bastar para focalizar a liderança na Igreja.

III. A Liderança Institucional na Igreja

A Igreja primitiva viveu sob a direção dos apóstolos eleitos por Jesus para continuar a sua obra, revestidos da força do Espírito Santo em Pentecostes (Hb 2). A liderança apostólica é evangélica e martirial. Pedro e Paulo morrem em Roma e o bispo de Roma será o vigário de Pedro, o que faz as vezes de Pedro na Igreja⁵. A imposição das mãos e o dom do Espírito consagram os novos líderes da Igreja institucional, constituindo o que logo será chamado de hierarquia eclesiástica. São anos duros de pobreza e perseguição, porém, em que a Igreja vive fortemente a dimensão da comunidade-comunhão (koinonia).

A virada constantiniana e a proclamação da Igreja (*Cristã*) como religião oficial do Império, mudam o contexto sócio-ecclesial e inicia uma eclesiologia ligada ao poder e à autoridade, que a partir do sécu-

lo XI, com Gregório VII, vai se consolidar: a Igreja da Cristandade, típica do segundo milênio⁶. Ficou para trás a época dos Padres da Igreja, os anos de martírio e as catacumbas. Os líderes eclesiásticos são grandes senhores semelhantes aos poderosos deste mundo, possuem amplos territórios, dirigem guerras, consagram imperadores, condenam hereges à fogueira, promovem as artes, repartem as terras descobertas entre os reis católicos. É o tempo das Cruzadas, da Inquisição, das guerras religiosas, do anti-semitismo... O Papa passa a ser vigário de Pedro e servo dos servos de Deus, passa a se chamar Vigário de Cristo, Vigário de Deus, Cabeça da Igreja. Nem a reforma protestante, nem a Revolução Francesa, nem o Iluminismo, nem a Revolução Russa conseguiram balançar o modelo de Cristandade, mas alguns destes fatos o reforçaram ainda mais. O Concílio Vaticano I é a consagração oficial deste modelo, centrado no papa e na autoridade, o que Congar chamou de uma verdadeira "hierarcologia". A chamada época "piana" (Pio IX, Pio X, Pio XI, Pio XII) é o exemplo mais recente desta liderança autoritária. Os grandes teólogos do Vaticano II (Congar, Chenu, De Lubac, Rahner, Daniélou...) sofreram sob esta liderança autoritária da cúria romana.

A figura carismática de João XXIII rompe com esta tradição de Cristandade típica do segundo milênio e inaugura uma nova época, mais próxima às origens evangélicas do primeiro milênio. O terceiro milênio volta à eclesiologia de comunhão e se

⁵ J.M.R. Tillard, *O bispo de Roma*, Santander 1986; K. Schatz, *O primado do Papa*, Santander 1996.

⁶ V.Codina, *Igreja e poder*, na obra conjunta *O poder em perspectiva teológica*, Pontificia Universidade Xaveriana, Bogotá, 2004, p. 219-227.

abre aos novos sinais dos tempos. Com o Vaticano II se entoa o réquiem à época constantiniana e se passa do anátema ao diálogo: Igreja Povo de Deus com variedade de carismas, em diálogo com outras religiões, com um olhar positivo sobre o mundo, deixando para trás as vozes dos profetas de calamidades, buscando mais a disciplina da misericórdia que a da condenação. A liderança eclesial volta a ser credível, a Igreja vive uma autêntica primavera, um verdadeiro Pentecostes.

Na América Latina, o Concílio Vaticano II foi relido a partir de uma situação de pobreza e injustiça (Medellín 1968) e abre caminho a perspectiva libertadora e a opção pelos pobres (Puebla 1979). Também na América Latina surgem figuras carismáticas de bispos que lembram os grandes bispos do tempo da Colônia que foram defensores dos índios⁷. Comblin chama a estes bispos da primavera conciliar na América Latina de "Santos Padres da América Latina"⁸. Como os Santos Padres da Igreja Primitiva são santos, sofreram perseguições dentro da Igreja, foram fiéis à fé da Igreja e uniram esta fé ao seguimento de Jesus, à luta pela justiça e à defesa dos pobres. Como na Igreja Primitiva, o povo cristão os considerou seus pais na fé. Citemos alguns nomes: Oscar Romero, Angelelli, Helder Câmara, Leônidas Proaño, Manuel Larraín, Enrique Alvear, Pironio, Raúl Silva, Juan Landáuri, Avelar Brandão...

Esta primavera conciliar, porém, logo se transformou em inverno e noite escura eclesial. Há saudades da Igreja da Cristandade, volta-se a uma Igreja centralizada, inquisitorial, cortam-se as liberdades das Igrejas locais, bispos de linha segura são nomeados, há conflitos com os setores mais proféticos da Igreja (teólogos, vida religiosa e até bispos...), movimentos de linha conservadora são promovidos, o Catecismo da Igreja Católica é editado...

Esta involução, que começou já no tempo de Paulo VI, aumentou no longo pontificado de João Paulo II. Este Papa foi, sem dúvida, um líder carismático a nível mundial e eclesial, um homem da mídia. Sua voz ressoou em todo o mundo em defesa da paz, da justiça, do diálogo inter-religioso. A multidão que acudiu ao seu enterro é uma expressão desta liderança mundial. Porém, a nível intra-eclesial sua liderança foi marcada por uma mentalidade e experiência da Igreja Polaca: nacional-catolicismo, Igreja de Cristandade, centralismo eclesial, triunfalismo, anti-marxismo, autoritarismo, postura anti-moderna e anti-secular, messianismo...⁹.

Conseqüência de tudo isto é que nos setores mais vivos da Igreja (não somente no Primeiro Mundo, mas também no terceiro Mundo...) surgiu uma postura anti-clerical e anti-hierárquica, um descrédito da autoridade, um abandono silencioso

⁷ E. Dussel. O episcopado latino-americano e a libertação dos pobres, 1504-1620, México 1979. Puebla também os recorda (Puebla 8).

⁸ J. Comblin. Os Santos Padres da América Latina, Revista Latinoamericana de Teologia, n. 65, mayo-agosto 2005, p. 163-172.

⁹ J.I. Gonzáles Faus, Compreender Karol Wojtyła, Santander 2005; Cf. Sal Terrae, n. 1090, número extraordinário. "Não tenhais medo". João Paulo II (1978-2005).

mas decidido da Igreja institucional, uma vida cristã à margem da doutrina e da moral eclesial oficial.

O próprio João Paulo II deve ter percebido algo quando, na encíclica *Ut unum sint* (1995) pede a todas as Igrejas cristãs, a seus pastores e teólogos, que o ajudem a repensar conjuntamente o primado petrino e "encontrar uma forma de exercício do primado que, sem renunciar de modo algum ao essencial da sua missão, abra-se a uma nova situação"¹⁰. Dito de outro modo, João Paulo II constata que a forma atual de exercício do primado de Pedro, longe de ser um sinal de unidade e comunhão eclesial, converteu-se no maior sinal de contradição e de divisão entre os cristãos. O mesmo já tinha advertido Paulo VI¹¹. E o teólogo Josef Ratzinger havia escrito em 1977 que a forma do primado petrino dos séculos XIX e XX não podia ser considerada a única forma possível para todos os cristãos e que Roma não pode exigir das Igrejas do Oriente mais doutrina sobre o primado do que a ensinada e formulada durante o primeiro milênio¹².

Hoje em dia surge um clamor universal na Igreja que pede uma reforma da instituição e da liderança. Muitos pedem que o Vaticano II seja levado a termo e que se assumam todas as suas conseqüências. Alguns grupos pedem um novo concílio para enfrentar os novos temas de hoje (novas pobreza, feminismo, ecologia, sexualidade, novas

tecnologias, meios de comunicação, bioética, diálogo inter-religioso, autoridade e liderança na Igreja, ministérios, crise da fé...). Outros abandonam a Igreja em silêncio...

Também na América Latina, lugar da primavera conciliar de Medellín e Puebla, com a sensibilidade pela libertação e pelos pobres, entrou-se em uma etapa invernal de atonia, obscuridade, desconcerto, perplexidade, crise de liderança eclesial. A IV Conferência de Santo Domingo pode ser um símbolo desta nova etapa¹³. A etapa gloriosa dos Santos Padres da América Latina já passou. Ficam só uns poucos representantes, aposentados e silenciados.

Parodiando o grito do Fórum Social Mundial de Porto Alegre agora também se pode dizer que "outra Igreja é possível". Enquanto isso, porém, vive-se uma forte crise de liderança eclesial que se soma à crise de liderança social descrita anteriormente:

IV. A Outra Liderança Eclesial

Seria incompleta, porém, a apresentação da liderança eclesial se junto à linha institucional não agregássemos outra corrente que sempre esteve presente na Igreja. Não está ligada à estrutura hierárquica da Igreja, mas a sua vida e santidade. É uma liderança carismática, profética da qual participam não somente homens (como na linha institucional), mas também mulheres. Já Newman falava que junto à cátedra episcopal existia uma cátedra profética.

¹⁰ *Ut unum sint*, n. 95.

¹¹ AAS 159 (1967) 498.

¹² J. Ratzinger. *Prognose für die Zukunft des Ökumenismus: Bausteine für die Einheit der Christen*, 17 (1977) 10.

¹³ V. Codina/J. Sobrino, *Santo Domingo 92. Crônica testemunhal e análise contextual. Aqui e agora*, n. 22, Santander 1993.

É a corrente formada por Antão, o Copta, e os monges e monjas do deserto, por Bento e Escolástica, por Francisco e Clara, por Domingos e Catarina de Sena, por Bernardo e Hildegarda de Bingen, por Inácio de Loyola e Francisco Xavier, por Teresa e João da Cruz, por Vicente de Paulo e Luísa de Marillac, por Teresa de Lisieux, por João Bosco, por Charles de Foucauld, por Edith Stein, por Teresa de Calcutá, por Teresa dos Andes e por Alberto Hurtado... Em quase todos estes casos há um sentido de crítica profética ao sistema social e também à instituição eclesial. Por isso a maior parte deles teve conflitos e dificuldades.

Este rico ramo eclesial está estreitamente vinculado à vida religiosa, especialmente aos fundadores e fundadoras de famílias religiosas. É exercida uma liderança e uma autoridade evangélicas, ligadas ao Espírito que é o doador dos carismas (LG 12) e é quem chama ao seguimento de Jesus na história. Muitas vezes o estilo de liderança e governo religiosos inspirou a sociedade civil a um modo de autoridade mais comunitária e democrática¹⁴.

Ora, também a vida religiosa e a sua liderança se acham em um momento crítico. Seria estranho que a crise social e eclesial da liderança não repercutisse na vida religiosa que vive no mundo e na Igreja de hoje. As gerações jovens batem às portas da vida religiosa com uma nova mentalidade, muitas vezes muito alérgica a toda autoridade. São os filhos

e filhas da modernidade e da pós-modernidade, que participaram de movimentos feministas, sociais, ecologistas, pacifistas, indigenistas, de diálogo religioso, de grupos anti-sistêmicos, dos fóruns sociais de Porto Alegre e sonham que um outro mundo é possível, que uma outra Igreja é possível e que, por conseguinte, "que uma outra vida religiosa é possível..."

Muitas das estruturas de governo da vida religiosa correspondem ainda ao mundo pré-moderno e medieval. As mais modernas assimilaram acriticamente formas de liderança mais mundanas que evangélicas, mais na linha hierárquica institucional da Igreja que nas suas próprias origens carismáticas e proféticas. A vida religiosa feminina copiou os modelos patriarcais e hierarcológicos da Igreja Instituição. Todas as crises de autoridade da sociedade moderna e pós-moderna se lançaram hoje sobre a atual vida religiosa. Aqui também o inverno eclesial é bem frio. Muitas congregações que quiseram promover uma vida religiosa na linha do Vaticano II entraram em conflito com a cúria romana do pós-concílio (Arrupe e os jesuítas, os e as carmelitas, a CLAR...)

O atual movimento de re-fundação da vida religiosa quer voltar a suas origens místico-proféticas das quais lentamente se distanciaram ao longo dos anos. Isto se aplica não somente às dimensões da castidade-sexualidade, da pobreza-justiça, da comunidade e das relações com os

¹⁴ L. Moulin, *Le monde vivant des religieux* (O mundo vivo dos religiosos), Paris 1964; C. Lowney, *A liderança ao estilo dos jesuítas. As melhores práticas de uma companhia de 450 anos que mudou o mundo*, Barcelona 2005.

diferentes... mas também à órbita da liderança-autoridade-governo-obediência. É preciso que algo morra para que nasça algo novo¹⁵.

Terminemos com a citação de uma anedota de fino humor inglês, da intervenção que T. Radcliffe, OP, fez no congresso internacional da vida consagrada de novembro de 2004 em Roma, com o (segundo muitos, desafortunado) título: A vida religiosa depois do 11 de setembro:

"Quando eu era estudante, nossa comunidade em Oxford foi atingida por algumas bombas inócuas de uma organização de direita que nos repudiava profundamente por alguma razão misteriosa. Lembrome que fui acordado pelo estrondo das explosões no meio da noite. Corri até a entrada do convento e encontrei ali reunidos os irmãos (frades) em roupas íntimas. E onde estava o prior? A polícia tinha chegado e o prior continuava dormindo. Corri para

acordá-lo: 'Houve um atentado com bombas', eu lhe gritei exaltado. 'Alguém morreu?' me disse. 'Não'. 'Alguém ficou ferido?' 'Não'. 'Então, por que você não me deixa dormir em paz e amanhã nós veremos o que aconteceu?'

Foi a primeira vez que entendi o que deveria ser a liderança: desinflar o drama dos nossos pequenos medos. Se nossos votos são a promessa de permitir que Deus continue nos surpreendendo, a liderança deveria nos ajudar a ser fiéis a esta aceitação audaz da incerteza"¹⁶.

Tradução da Revista TESTIMONIO n. 214, marzo-abril 2006, pp. 7-16

O autor é Teólogo da CLAR.

Endereço do autor:

Dieciocho 136

Casilla 9501

Santiago - Chile

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - O que a evolução da liderança na sociedade, de que fala o autor, pode ensinar à vida religiosa? Na hora de exercer a liderança, que chaves descobrimos no estilo de Jesus?
- 2 - Destaque as características da liderança do fundador ou da fundadora da sua congregação. Que tipo de liderança exerceram nos inícios?

¹⁵ C. Palácio, O sacrifício de Isaac: uma parábola da vida religiosa, Testimonio 138, Santiago de Chile, 1993, 100-110.

¹⁶ T. Radcliffe, A vida religiosa depois do 11 de setembro, em Pasion por Cristo, pasión por la humanidad (Paixão por Cristo, paixão pela humanidade), Madrid 2005, p. 216.

O Cristianismo é Humanismo?

Ensaio a respeito da Parábola do Grande Inquisidor de Dostoievski

LUCIANO GOMES DOS SANTOS

O objetivo do presente artigo é refletir a respeito da seguinte questão: *O Cristianismo é humanismo?* Deseja através do exame investigar se há de fato elementos filosóficos no Cristianismo. O ponto de partida para a realização desta reflexão fundamenta-se na obra *“Os irmãos Karamázovi”*, do grande escritor russo Dostoievski. Para o estudo escolheu-se a II parte do livro V, onde é narrado *“A parábola do grande inquisidor”*. Esse texto é profundamente antropológico e é capaz de inspirar dois paradigmas antropológicos, ou seja, um humanista e outro anti-humanista. Portanto, faz-se necessário, uma visão geral do escritor e da parábola, para que se possa adentrar-se na hermenêutica filosófica do texto em questão e discorrer sobre a questão em pauta.

1- Fiodor Mikhailovitch Dostoievski

Fiodor Mikhailovitch Dostoievski nasceu em 30 de novembro de 1821 na cidade de Moscou. Os primeiros anos de sua infância foram tristes e sombrios, pois viveu ao lado de um pai severo e de uma mãe doentia e melancólica. Em 1834, ele ingressou no liceu de Tchernak em Moscou. Nesta ocasião, ele começou a sentir os primeiros entusiasmos pela literatura, dedicando-se com especial carinho à leitura das grandes obras russas. Em 16 de janeiro de 1838, Dostoievski ingressa na Escola de Engenharia militar de

Petersburgo, de onde sai em 1843 como subtenente, para renunciar pouco depois à carreira das armas. A partir de 1845 começa a escrever as suas primeiras obras.

Dostoievski, envolvido com o movimento revolucionário em Petersburgo em 1849, quase perdeu a sua vida em trabalhos forçados e num possível julgamento e fuzilamento na Sibéria que não ocorreu. Ao voltar para Petersburgo começou uma nova existência, ou seja, afirmou-se patriota, ortodoxo, combateu o niilismo, fundou uma escola e preconizou para a Rússia um desenvolvimento absolutamente diferente do da civilização européia. Finalmente, preconizou a idéia de regeneração do mundo pelo cristianismo.

Ele sofria de epilepsia e o jogo era um vício. Dostoievski casou várias vezes. A realidade de sua vida (desventuras, prisões, jogos, sofrimentos, etc.) teve pernicioso influência sobre a sua atividade literária, tornando-se doentio o seu talento e transformando-se as tendências democráticas da sua juventude em um misticismo extremo. A sua obra principal e fecho de uma gloriosa jornada através de 34 anos de atividade literária foi a obra *“Os irmãos Karamázovi”* escrita entre os anos de 1879 e 1880. Assim, no ano seguinte, na noite de 28 de janeiro de 1881 morre Dostoievski na cidade de Petersburgo, deixando para o povo russo e para a humanidade sua contribuição ímpar no mundo da literatura.

Dizia Dostoievski: "Chamam-me psicólogo; não é verdade, sou apenas um realista no mais alto sentido, ou seja, retrato todas as profundezas da alma humana"¹ e na verdade foi este o principal caminho seguido pelo autor, isto é, descobrir os mais misteriosos artifícios da alma humana. O ciúme, a inveja, o rancor, o desafio ao mistério divino são sentimentos constantes nos personagens de Dostoievski. Mais que desvendá-los, o autor pretende retratá-los. O Realismo retrata fielmente aquilo que compõe o ser humano, seja instintivo, patológico ou simplesmente humano. Em "Os Irmãos Karamázovi" temos um conflito no seio de uma família da nobreza por meio do qual o autor coloca todo o quadro de decadência e conflitos éticos e sociais da época. Uma das mais belas obras da literatura russa, que, com certeza, abala nossos conceitos sobre eternos laços de família. O Realismo invade a alma dos personagens colocando-os frente ao destino e às escolhas que os modificam ou que os tornam exatamente iguais a todos, ou seja, infelizes e frustrados.

Após essa visão biográfica de Dostoievski e de sua obra "*Os irmãos Karamázovi*", pode-se continuar a investigação filosófica na "*Parábola do Grande Inquisidor*".

2- A Parábola do Grande Inquisidor

Em "*Os irmãos Karamázovi*", valendo-se de uma conversa confessional entre os personagens Aliócha e seu irmão mais velho, Ivan Karamázovi, um intelectual ateu, Dostoievski, narra a parábola do Grande Inquisidor, compreendida como expressão

maior do seu pensamento enquanto romancista e também filósofo. Trata-se de um dos momentos mais instigantes de toda a literatura ocidental moderna, quase uma exclusividade de sua obra, em que o autor russo ataca as raízes do materialismo utilitarista que contaminou até mesmo, pelo agnosticismo prevalecente, da religiosidade cristã no cenário mundial.

Conta Ivan, ao irmão seminarista Aliócha que, na Espanha da Renascença (séc. XVI), mais especificamente na cidade de Servilha, Cristo voltou ao mundo após a queima de uma centena de heréticos "ad majorem Dei"² e, ao entrar na cidade, é de imediato reconhecido pela multidão que o louva e segue os seus passos. Na praça, diante de um cego de infância, Jesus, na sua infinita compaixão, restitui a visão do infeliz, que derrama lágrimas de alegria.

Mulheres e crianças lançam flores à Sua passagem. A multidão grita e chora, inebriada. Observando tudo, o Grande Inquisidor, um cardeal do Santo Ofício, manda prendê-Lo numa masmorra e, à noite, passa a interrogá-Lo. O cardeal sente-se ameaçado pela presença de Jesus e esclarece que, em nome Dele, procura consolidar a longa domesticação dos homens, para garantir a felicidade coletiva, pois os seres humanos aspiram satisfação material e segurança.

Em torno de tais conquistas (ordem e conforto), a humanidade abdicará até mesmo a liberdade, sendo entendida como a noção da individualidade suprema. Com sua aparição despropositada, em momento crítico (Inquisição), Cristo só perturba o processo e relembra ao povo

¹ DOSTOIEVSKI, F. *Os irmãos Karamázovi*, SP: Martin Claret, 2004, p. 761.

² "Para maior glória de Deus".

a fé na liberdade, posto que, no passado, diante dos seus algozes (Pôncio Pilatos e Caifás), recusou a fazer o Milagre da multiplicação, acenando, com tal gesto, o ideal da existência livre, coisa que, considera, só traz angústia, sofrimento e dor. *"Há três forças"*, diz o Inquisidor, *"as únicas que podem subjulgar para sempre a consciência desses fracos, a saber: o milagre, o mistério, a autoridade! E Tu [...] diante dos que Ti crucificaram [...] rejeitastes todas três, dando assim um (mau) exemplo"*. Após dar largo curso às acusações, o Inquisidor exige do Prisioneiro uma resposta, sob pena de enviá-Lo à fogueira. Jesus, no entanto, depois de encará-lo com serenidade, aproxima-se do cardeal e beija-lhe os lábios. É a sua resposta.

O texto da parábola para muitos leitores pode ser um texto teológico. Na verdade, esta narrativa é profundamente antropológica e filosófica. O texto fala do homem, de sua liberdade e da sua consciência. Ajuda a refletir qual paradigma antropológico seguir: humanista ou anti-humanista. Pode-se destacar quatro personagens principais: O Aliócha, irmão de Ivan. Ele é seminarista. Aliócha simboliza o santo e o Homem Russo. Já Ivan, representa o intelectual ateu e o Ocidental. O prisioneiro é Cristo, símbolo da liberdade e do humanismo. Por outro lado, O inquisidor, o cardeal do Santo ofício, é figura da consciência dominadora, da autoridade, da manipulação, da mentira, da força e do anti-humanismo.

3- Liberdade e consciência

O que é a liberdade e a consciência para o homem? Na parábola, Cristo pode ser visto como símbolo da liberdade. Sartre defende que *"a liberdade é inerente ao ser humano"*³. Negar a liberdade é negar a humanidade do homem e manipular as suas escolhas e decisões. A liberdade é o ponto de partida. Funda o existir humano. É originante do ser pessoal e social. É potencialidade criadora. Propõe o inédito. Orienta rumos futuros e ensaia novas formas de vida. A liberdade é espaço antropológico onde o homem se autodestina como participante do processo histórico. Por outro lado, o Inquisidor é símbolo da consciência dominadora e manipuladora do ser humano. A consciência é fato antropológico e pode ser vista como fenômeno do homem. Ela é identidade do homem. Esmagar consciências é atrocidade. É a tentativa de matar a pessoa para destruir o universo humano e histórico que ela conserva e sustenta. Radicalmente, massacrar consciências é devastar vidas, é semear pânico, é derramar sangue. O que os tiranos querem não é apoderar-se do corpo, mas dominar um corpo animado pela consciência.

A consciência garante a identidade pessoal. Perder a consciência é mais do que perder referenciais externos. É perder-se. É desidentificar-se. Sem consciência, o homem continua homem, mas não se sabe homem. Somente consciente, poderá manter-se em nível plenamente humano. Aprofundar a consciência é maturar a

³ ARDUINI, Juvenal. *Antropologia – ousar para reinventar a humanidade*, SP: Paulus, 2002, p. 129.

especificidade do existir humano. Segundo o filósofo Ernest Bloch, a consciência "é o grande espaço reservado à vida aberta"⁴. A consciência é o olhar obstinado que rasga clareiras na espessura do ser antropológico, em busca de sentido. Dominar a consciência é dominar o sentido e o significado do existir humano.

A liberdade e a consciência são dois movimentos que perpassam o existir humano. No coração da existência humana, o homem traz em sua vida a figura do Cristo ou a figura do inquisidor? São dois pólos que colocam o homem na angústia de delegar a sua liberdade e como consequência, a dominação da consciência. Por outro lado, o homem pode assumir a sua liberdade e vivê-la na permanente angústia da compreensão do ser e na vivência de suas decisões e escolhas.

4- Antropologia de Cristo: Humanística

Baseando-se na parábola do grande inquisidor, pode-se perceber que é um questionamento referente à natureza humana. Entretanto, pode-se questionar: Cristo é símbolo do humanismo? O que é humanismo? O cristianismo é humanismo? Por humanismo pode-se compreender "*um antropocentrismo refletido que, partindo da consciência do homem, tem por objeto a valorização do homem; exclusão feita daquilo que o aliena de si próprio, seja ao submetê-lo às verdades e aos poderes supra-humanos, seja ao desfigurá-lo por qualquer utilização infra-humano*"⁵. O

humanismo reconhece o valor do homem em sua totalidade e a tentativa de compreendê-lo em seu mundo, que é o da natureza e da história. A visão humanística reconhece as características efetivas do homem, isto é, valoriza a condição humana em suas fragilidades e potencialidades.

Na parábola, a antropologia de Cristo é humanística. A partir desta afirmação pode examinar que de fato, o cristianismo que Ele apresenta é humanismo. Cristo é símbolo da humanidade do homem. A sua antropologia não definiu o homem. O ser humano é um ser aberto, isto é, não está acabado. Cristo não manipulou o homem. Explicitou o ser humano como ser de liberdade e consciência. Ele não subjulgou a consciência nem a liberdade humana. A antropologia de Cristo fundamenta-se em três questões essenciais: o milagre, o mistério e a autoridade. Esta referência alude às passagens bíblicas dos textos dos Evangelhos de Mt 4,1-11 e de Lc 4,1-13, às quais expressam a experiência de Cristo no deserto. Nesta ótica, Cristo resume a história da humanidade. Ele é acusado pelo inquisidor de ter negado o milagre, o mistério e a autoridade, pois as únicas forças capazes de apaziguar os fracos.

Em primeiro lugar, Cristo não realizou o **milagre do pão**. Como disse o Inquisidor a Cristo: "Mas, Tu não quiseste privar o homem da liberdade e recusaste, estimando que era ela incompatível com a obediência comprada por meio de pães"⁶. Acaso, Cristo tivesse realizado o milagre do pão Ele teria destruído a liberdade humana e

⁴ ARDUINI, Juvenal. *Destinação Antropológica*. SP: Paulinas, 1989, p. 15.

⁵ LALANDE, André. *Dicionário de Filosofia*. 3ª ed. SP: Martins Fontes, 1999, p.481.

⁶ DOSTOIEVSKI, F. *Os irmãos Karamázovi*, RJ:Aguiar, 1975, p. 700.

por fim, teria definido a existência humana. A liberdade provoca medo no homem, pois ele tem que tomar decisões ao fazer escolhas. O pão é símbolo de uma resposta pronta e determinada para a razão humana. Viver na liberdade é viver no medo e na angústia permanente, pois é natural ao homem constante elaboração de questionamentos para viver a sua existência humana. Mas é através do medo que podemos chegar ao homem. Assim, Cristo não quis resolver o enigma humano, ou seja, a eterna inquietação que o homem traz dentro de si. Ele evitou o milagre para que o homem não se inclinasse diante dele por causa do milagre, mas o homem deve experimentar a liberdade de segui-lo ou não.

O ser humano busca um ser para delegar a sua liberdade. É o medo de ser livre. É o sofrimento insuportável do exame, isto é, da pergunta pelo ser. É tranqüilo para consciência delegar a liberdade e viver uma existência pronta e definida. A paz de consciência seria o milagre do pão. Cristo quis demonstrar para a humanidade que não basta viver, é preciso encontrar uma razão para viver. O homem tem necessidade de uma idéia nítida da existência, pois é a falta desta idéia que provoca angústia e sofrimento. No fundo, o homem prefere a paz e a própria morte à liberdade. Ele é capaz de renunciar a liberdade do que experimentar em sua existência o discernimento entre o bem e o mal. Cristo não confiscou a liberdade humana.

Em segundo lugar, é a questão do mistério, ou seja, da fé. Cristo não quis sujeitar o homem novamente por meio de um milagre. A fé deve ser um ato livre de amor e não baseado no maravilhoso. A fé faz parte da condição humana. É da natureza

humana crer. Ela é o elemento que ajuda o homem a viver a angústia da existência.

Em terceiro lugar, Cristo rejeitou a autoridade sobre os reinos da terra. Cristo não quis ser o senhor da consciência humana, ou seja, de submeter o homem à sua autoridade. Ele negou a autoridade para não ser o guarda da consciência humana. Muitos homens desejam um senhor para inclinarem suas consciências e assim, viverem na paz.

5- Antropologia do Grande Inquisidor: Anti-humanista

O paradigma antropológico do Inquisidor pode-se qualificá-lo de anti-humanismo, pois a resposta a respeito do homem está elaborada e definida. O Inquisidor é símbolo da consciência que domina e manipula. A epifânia antropológica do Inquisidor é também sinal de poder, autoridade, mentira e manipulação da consciência que não suporta a pergunta pelo ser e da própria existência.

O Inquisidor utiliza três forças para subjugar as consciências humanas, ou seja, **o milagre, o mistério e a autoridade**. A resposta do Inquisidor acalma a inquietação da razão humana e o medo de experimentar a experiência humana de ser e viver com suas próprias características efetivas. Ao dar o pão, o Inquisidor suprime a liberdade humana. O homem torna-se determinado numa resposta elaborada e definida, perante a angústia de viver a própria existência. Assim, o Inquisidor passa a delegar a liberdade humana. O homem deixa de escolher e também de decidir pela sua própria história. O caminho para a razão humana está trilhado.

O mistério é outro artifício do Inquisidor. Ele é utilizado como forma de determinar uma fé sujeita através do milagre, isto é, "eu vejo o maravilhoso, por isso eu creio". O homem deixa de crer livremente e passa acreditar por causa do fantástico. A fé não precisa ser provada, pois deixaria de ser fé. Assim, a fé é ato livre do homem independente de milagre.

A autoridade representa poder. O símbolo do poder é dispositivo empregado pelo Inquisidor. O homem busca algo para se inclinar, delegando a própria consciência. O Inquisidor deseja poder e força. Assim, ele pode conduzir as pessoas conforme o seu interesse pessoal. Cristo não se sujeitou a este tipo de poder. Ele não quis que o homem o seguisse pela autoridade ou pelo poder, mas que fosse um seguimento livre.

O Inquisidor enquadra a liberdade e a consciência das pessoas e quem rejeita o caminho pode ser considerado herético e ser queimado na fogueira. A antropologia do Inquisidor alivia o medo das pessoas que não suportam a pergunta pelo ser. Ele suprime o medo do homem e acalma a consciência angustiada por não encontrar uma resposta definida da existência humana. Entretanto, o homem deixa de ser livre e torna-se objeto de manipulação e de interesse.

O Inquisidor conquista grande número de homens, pois ele acalma a inquietação humana perante o medo da liberdade, porém para esta estratégia ele domina a consciência humana através do pão, do poder, do mistério e da mentira. Ele nega as características efetivas da condição humana. O Inquisidor não ajuda o homem a ser humano. Ele desfigura o homem e o manipula. Já Cristo, quis que o homem experimentasse a sua própria condição huma-

na. O homem é livre. O medo é enigma pelo qual se chega ao homem.

O conceito de fraco para Cristo é o homem que não deseja experimentar a liberdade e prefere uma resposta definida da própria condição humana. Já o conceito para o Inquisidor é o homem que deseja viver na liberdade e na autonomia da consciência, pois ele sentirá o medo e a frustração perante a própria existência. Assim, o homem não suportando viver buscará o pão e a paz de consciência.

6- Antropologia Dostoievskiana

Ao refletir sobre as antropologias de Cristo e do Inquisidor, pode-se falar da visão antropológica de Dostoievski. Em duas obras jornalísticas ele apresenta a visão do homem em seus escritos e reflexões. Em "Memórias do Subsolo" de 1864, Dostoievski defende que: "O homem é um mistério. Deve ser desvendado, e se tal levar uma vida inteira, não digas que é um desperdício de tempo. Eu estou preocupado com este mistério porque eu quero ser um ser humano [...]". O homem é um mistério que precisa ser desvendado todos os dias. É uma busca incansável. Em sua visão, o homem não está definido. É experimentando a condição humana que o homem se tornará humano, fazendo valer as suas características efetivas.

Já na obra "Diário de um escritor" de 1873, explicita que: "o que é o homem sem desejos, sem liberdade de desejo e de escolha, senão uma peça num órgão?". Uma peça de órgão é um objeto já definido e sem escolha. Seu papel é viver o que já está escolhido. Assim, ele não teve liberdade de desejo nem liberdade de escolha. Faz parte da condição humana desejar e escolher a sua própria condição de vida.

Portanto, a antropologia Dostoievskiana não define o homem, mas o compreende como mistério que deve ser desvendado fundamentando-se em sua liberdade, na consciência autônoma, no desejo e no ato de poder escolher o próprio caminho.

Conclusão

Cristo ao final do interrogatório beija os lábios do Inquisidor. Ele não diz uma palavra. O Inquisidor ficou estarecido, perplexo, pois Cristo não deu respostas diante da argumentação do Inquisidor. Cristo deixa o homem ser homem. Deixa a razão humana buscar as respostas para compreender a própria existência. Portanto, Cristo é símbolo da humanidade racional que está na estrada histórica, entre o ser e o não-ser, buscando viver a própria condição humana e fazendo-se senhor da liberdade e da própria consciência. Entretanto, Cristo não defende um cristianismo para alguns eleitos, mas para todos que desejam em liberdade e em sã consciência fazer a experiência do medo e da permanente angústia da pergunta pelo ser: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?

O homem pode ser Cristo ou Inquisidor. Pode-se escolher a antropologia de Cristo ou do Inquisidor. Porém, uma vida sem liberdade, sem consciência autônoma, é uma vida fechada e sem significados. Assim, viver é decisão ímpar de experimentar as próprias escolhas na liberdade, correndo o risco do fracasso ou da vitória. Vivendo no medo e na insuportável pergunta pelo ser, eis a condição humana que nos leva a experimentar a profundidade da condição humana e na realização da própria existência. Portanto, o cristianismo é humanismo, pois reflete a respeito da liberdade e da consciência que são características efetivas do próprio homem. Cristo não quis extrair essas características do homem, mas mostrou que o homem não é um ser definido. Entretanto, deverá trilhar o seu próprio caminho sem ser subjulgado pelo pão, pelo mistério e pela autoridade.

O autor é Mestre em Teologia.
Endereço do autor:
Rua Padre Rolim, 684
Apto. 601 - B. Sta. Efigênia
30130-090 - Belo Horizonte-MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - O Cristianismo é humanismo?
- 2 - Explícite a visão do homem, conforme o pensamento do Grande Inquisidor e de Cristo?
- 3 - Como aplicar a antropologia de Cristo para a sociedade pós-moderna?



CRB

Impresso
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

Quadro Programático da CRB 2005-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.